

MARIA ISABEL HARDT

GRANDE SERTÃO: VEREDAS — DA OBRA AO PARQUE NACIONAL

CURITIBA

2011

MARIA ISABEL HARDT

GRANDE SERTÃO: VEREDAS — DA OBRA AO PARQUE NACIONAL

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre ao Curso de Mestrado em Teoria Literária do Centro Universitário Campos de Andrade – UNIANDRADE.

Orientador: Prof^a.Dra. Cristiane Busato Smith

CURITIBA

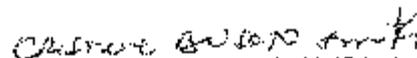
2011

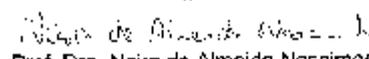
TERMO DE APROVAÇÃO

MARIA ISABEL HARDT

GRANDE SERTÃO: VEREDAS — DA OBRA AO PARQUE NACIONAL

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de Mestre pelo Curso de Mestrado em Teoria Literária do Centro Universitário Campos de Andrade – UNIANDRADE, pela seguinte banca examinadora:


Prof. Dra. Cristiane Busato Smith (Orientadora - Uniarandrade)


Prof. Dra. Naira de Almeida Nascimento (UTFPR)


Prof. Dra. Verônica Daniel Kobs (Uniarandrade)



Curitiba, 13 de junho de 2011.

A Emilio Hardt (*in memoriam*)
e Aroni Maria Hardt, meus
queridos pais.

AGRADECIMENTOS

À Deus e à minha família, em especial ao meu marido Sérgio e ao meu filho Marcelo, pelo apoio e incentivo, por me acompanharem à viagem de pesquisa de campo a Cordisburgo e à Chapada Gaúcha(MG), e por compreenderem os momentos de ausência durante a construção e reconstrução deste trabalho. À minha mãe Aroni e à minha irmã Antônia, por cuidarem do Marcelo no período de férias.

À equipe de professoras e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária do Centro Universitário Campos de Andrade – UNIANDRADE.

Às professoras Dr^a. Cristiane Busato Smith, minha orientadora, e Dr^a. Verônica Daniel Kobs, minha co-orientadora, pela confiança, pela amizade, pelo carinho e pelos ensinamentos partilhados.

À professora Dr^a Naira de Almeida Nascimento, membro da banca examinadora, pelas sugestões dadas na qualificação.

Aos colegas do Colégio Militar de Curitiba, especialmente Cláudia e Maria Terezinha, pelas correções dos textos e pelas contribuições a este trabalho. Ao Major Delcides e ao Major Valcides, pela compreensão da necessidade das ausências durante a realização deste trabalho.

Aos colegas de mestrado com quem dividi questionamentos e dúvidas durante estes dois anos, especialmente Edilson, pelo empréstimo dos livros referentes a Guimarães Rosa.

Ao pessoal de Chapada Gaúcha (MG) que contribuiu, para a visita ao Parque Nacional Grande Sertão Veredas: Quintino Barbosa dos Santos (motorista), Nelmir Moreira França (guia) e a chefe do Parque, Paula Leão Ferreira.

Ao seu “Samu”, morador do Parque Nacional Grande Sertão Veredas, que colaborou ao conceder entrevista sobre a criação do Parque.

Ao José Osvaldo dos Santos, o “Brasinha”, comerciante de Cordisburgo (MG), estudioso das obras de Guimarães Rosa e coordenador das Caminhadas Eco-literárias, pelas informações concedidas.

À Paola Raíssa Carvalho Ireno, integrante do grupo Miguilim, pelas informações a respeito da vida e das obras de Guimarães Rosa durante a visita ao Museu Guimarães Rosa.

“Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende”.

João Guimarães Rosa

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Igrejinha de São José	16
Figura 2 - Museu Casa Guimarães Rosa	16
Figura 3 - Venda do “Seo Flô”	16
Figura 4 - Placa informativa	16
Figura 5 - Loja Brasinha.....	17
Figura 6 - Centro de artesanato de Cordisburgo	17
Figura 7 - Máquina de escrever de Guimarães Rosa	19
Figura 8 - Roupas de Guimarães Rosa.....	19
Figura 9 - Estatuetas da cavalgada de Guimarães Rosa	19
Figura 10 - Estatueta do prêmio Gutemberg	19
Figura 11 - Grupo Miguilim.....	20
Figura 12 - Integrante do grupo Miguilim.....	21
Figura 13 - Gruta do Maquiné	24
Figura 14 – Placa Circuito Guimarães Rosa	25
Figura 15 - Mapa da obra de Guimarães Rosa nos municípios do Circuito Guimarães Rosa.....	27
Figura 16 - Painel bordado em homenagem aos 100 anos do nascimento de Guimarães Rosa.....	29
Figura 17 – Revista Discutindo Literatura	29
Figura 18 - Painel bordado do universo do conto <i>Buritis</i>	29
Figura 19 - Veredas no Parque Nacional Grande sertão veredas	53
Figura 20 – Criação de porcos.....	57
Figura 21 - Carro de bois	58
Figura 22 - Mapa do desmatamento do Cerrado.....	60
Figura 23 – Máquina agrícola	61
Figura 24 - Plantação de soja	61
Figura 25 - Buritizal.....	64
Figura 26 - Vaqueiro	72
Figura 27 - Moradia do sertanejo	75
Figura 28 - Moradia do sertanejo	75

SUMÁRIO

RESUMO	ix
ABSTRACT	x
INTRODUÇÃO	1
1 SOBRE GUIMARÃES ROSA E O ASPECTO SOCIAL DE <i>GRANDE SERTÃO VEREDAS</i>	12
1.1 GUIMARÃES ROSA.....	12
1.2 CORDISBURGO.....	15
1.2.1 Museu Guimarães Rosa.....	18
1.2.2 Grupo Miguilim.....	20
1.2.3 Gruta do Maquiné.....	22
1.3 CIRCUITO GUIMARÃES ROSA.....	25
1.3.1 Semana Roseana.....	27
1.3.2 Caminhadas eco-literárias.....	30
1.4 <i>GRANDE SERTÃO: VEREDAS</i>	33
2 AS VEREDAS DO PARQUE NACIONAL	53
2.1 PARQUE NACIONAL <i>GRANDE SERTÃO VEREDAS</i>	53
2.1.1 Infraestrutura.....	56
2.2 CERRADO.....	59
2.2.1 Bacias hidrográficas e rios.....	62
2.2.2 Relevo.....	63
2.2.3 Fauna e flora.....	64
2.3 JAGUNÇOS/SERTANEJOS/VAQUEIROS.....	68
2.4 CULTURA.....	73
CONCLUSÃO	77
REFERÊNCIAS	80
ANEXO	85

RESUMO

O presente trabalho propõe uma análise do romance *Grande sertão: veredas* (1956), de Guimarães Rosa, visando à identificação da obra roseana com a população de Cordisburgo (MG) e a sua contribuição para a cultura regional. Inicialmente, o estudo irá abordar o sertão sob o aspecto geográfico. O espaço é representado, no texto, com riqueza de detalhes, pelo profundo conhecimento do autor em relação às paisagens do sertão mineiro. Em outro momento, também com ênfase ao espaço, será feita uma breve análise comparativa do filme *Grande sertão* (1965), dirigido pelos irmãos Santos Pereira, com o romance de Guimarães Rosa, de forma a demonstrar como a adaptação fílmica retratou as paisagens e os cenários exuberantes descritos na narrativa literária. Esse processo resultará em uma análise que amplia a questão do espaço e aumenta a distância entre a representação e o referente real, já que para o estudo da adaptação fílmica será considerado como base o romance. Na última parte do estudo, será avaliada a influência da obra na criação do Parque Nacional Grande Sertão Veredas. Para respaldar essa associação entre realidade e ficção, utilizam-se estudos de autores relacionados à *Ecocrítica* — tendência contemporânea que permite a reavaliação do conceito de mimese e da função da Literatura. A base de dados desta pesquisa é constituída por informações literárias e geográficas, resultantes da análise do romance e de um trabalho de campo realizado nos municípios de Cordisburgo (MG), cidade natal do escritor, e Chapada Gaúcha (MG), município onde está localizada a sede do Parque Nacional Grande Sertão Veredas.

Palavras-chave: Espaço. Literatura. Geografia. Cultura regional. Parque Nacional Grande Sertão Veredas.

ABSTRACT

The present work proposes an analysis of Guimarães Rosa's novel *Grande Sertão: veredas* (1956) aiming at the identification of this work with the population of Cordisburgo (MG) and its contribution to the Brazilian regional culture. Initially the study broaches the hinterland in the geographical aspect. In the literary text the space is represented with a richness of details, due to the author's profound knowledge of the landscape in the hinterland of the state of Minas Gerais. After that, also emphasizing the space, we present a short comparative analysis of the film *Grande Sertão* (1965), directed by the Santos Pereira brothers, with the novel of Guimarães Rosa, showing how the cinematographic adaptation portrayed the landscapes and the luxuriant scenarios described in the literary narration. This process results in an analysis that amplifies the question of space and increases the distance between the representation and the real reference, since the novel is considered as a basis for the study of the cinematographic adaptation. In the last part of the study we present an evaluation of the influence of this work for the creation of the Grande Sertão Veredas National Park. To sustain this association between reality and fiction we resort to the studies of some authors related to Ecocriticism – a contemporary trend that permits the reevaluation of the conception of mimesis and of the literature's function. The data basis is constituted by literary and geographical information resulting from the analysis of the novel and of a field research performed in the municipalities of Cordisburgo (MG), the author's home town, and Chapada Gaucha (MG), where the Grande Sertão Veredas National Park is located.

Key words: Space. Literature. Geography. Regional culture. Grande Sertão Veredas National Park.

INTRODUÇÃO

Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão!
Não sei. Ninguém ainda não sabe. Só umas raríssimas
pessoas – e só essas poucas veredas, veredzinhas.
(ROSA, 2001, p. 116)

João Guimarães Rosa, romancista da terceira geração do Modernismo brasileiro, é considerado um dos autores mais importantes da nossa literatura por sua capacidade criativa, por meio da qual nos faz ver o sertão, a nós mesmos e à realidade de forma diferente. Com o romance *Grande sertão: veredas* (1956), o autor inova a estrutura narrativa e oferece outro tipo de representação do “sertão”, sem regionalizá-lo. Além disso, na obra roseana também a realidade e as pessoas são tratadas de modo diverso, com uma linguagem regional e universal ao mesmo tempo. *Grande sertão: veredas* é o terceiro livro de Guimarães Rosa, cuja narrativa se desenrola em aproximadamente seiscentas páginas, relatando o jeito simples do sertanejo mineiro. Retrata um amor proibido entre os personagens Riobaldo e Reinaldo (Diadorim), a existência ou não do diabo e o cenário do sertão norte mineiro, onde o romance é ambientado.

O próprio termo “sertão” evolui, dentro da obra roseana, do sentido de região agreste para o mistério que rege a existência humana em *Grande sertão: veredas*. Riobaldo assim o define: “O sertão é do tamanho do mundo.” (ROSA, 2001a., p. 89). Ou, então, ausência de lei: “Sertão. O senhor sabe: sertão é onde manda quem é forte com as astúcias.” (p. 35). Afirma e não afirma, alternância de insegurança e paz: “Sertão é isto, o senhor sabe: tudo incerto, tudo certo” (p. 172). Da mesma forma, homem e palavra estão associados ao meio em que vivem: “Sertão. Sabe o

senhor: sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar.” (p. 41).

Com relação às diferentes acepções da palavra *sertão*, Kathrin H. Rosenfield afirma que:

Metáforas como essas – “o sertão está dentro da gente” ou “o sertão está em toda parte” – não são *meras* metáforas. Com elas, Rosa evoca topografias da alma, e, além dessas dimensões psicológicas e espirituais, ele torna tangível o substrato concreto da alma. Pois é nas realidades materiais que se apóiam nossas trajetórias no espaço com – também – as coreografias da imaginação e do pensamento que surgem desses movimentos palpáveis. Com isso, Rosa torna mais densa e metafísica a *Terra ignota* da qual já falava Euclides da Cunha, referindo-se ao sertão geográfico desconhecido. Rosa faz desse desconhecimento objetivo um labirinto exterior e interior. (2008, p. 12)

Muitas outras interpretações da palavra “sertão” podem ser agregadas ao discurso de Riobaldo, entre elas a de um espaço de violência e sem lei, assim exemplificado na obra:

Mire veja: um rapazinho, no Nazaré, foi desfeitoado, e matou um homem. Matou, correu em casa. Sabe o que o pai dele temperou? — “Filho, isso é a tua maioridade. Na velhice, já tenho defesa, de quem me vingue...” Bolas, ora. Senhor vê, o senhor sabe. Sertão é o penal, criminal. Sertão é onde homem tem de ter a dura nuca e mão quadrada. (ROSA, 2001a., p. 126)

O sertão mineiro, caracterizado na obra, “[...] é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador [...] O Urucúia vem dos montões oestes [...] O *gerais* corre em volta. Esses gerais são sem tamanho [...] O sertão está em toda parte.” (ROSA, 2001a., p. 24). Ou então, o localiza: “O sertão aceita todos os nomes: aqui é o Gerais, lá é o Chapadão, lá acolá é a caatinga.” (p. 506).

Muitas obras estudadas compõem a fortuna crítica e nos ajudam a compreender o conjunto da obra de Guimarães Rosa. Eduardo F. Coutinho, ao organizar o volume 6 — *Guimarães Rosa* — da coleção Fortuna Crítica, proporciona ao leitor diferentes enfoques da obra do escritor brasileiro. No ensaio — *Guimarães Rosa e o processo de revitalização da linguagem* — Coutinho menciona como a linguagem evolui e está em perpétua mutação, pela técnica introduzida por Guimarães Rosa. O estilo peculiar do autor revitaliza o texto literário através da transcrição da linguagem da Natureza. Outro estudioso de Guimarães Rosa que nos possibilitou muitas leituras, Fernando C. Dias, em *Aspectos sociológicos de Grande sertão: veredas*, interpreta elementos da realidade social a partir do bando de jagunços de Riobaldo e do sertão — misto de área geográfica, de contingente demográfico, de organização social e de mentalidade coletiva. Outras possibilidades de leitura nos trouxe Maria Lúcia G. de Faria, em *Imagens do sertão rosiano*, através do trabalho fotográfico destinado ao leitor urbano do escritor mineiro, com o intuito de familiarizá-lo com as veredas do grande sertão. Na análise do ensaísta Alan Viggiano, em *Itinerário de Riobaldo Tartarana*, são mapeadas mais de cento e oitenta localidades citadas no livro – rios, vilas, cidades, povoados, veredas, lagoas –, pertencentes ao Norte de Minas, Sudeste de Goiás e Sudoeste da Bahia. Kathrin H. Rosenfield, autora de *Grande sertão: veredas – roteiro de leitura*, analisa a construção artística e imagens místicas do romance. A autora mostra a ordem oculta da narrativa, unindo erudição e simplicidade e guiando o leitor entre os elos do sertão geográfico e os da alma.

Nesse estudo, entretanto, considerando-se o ineditismo em relação às demais análises realizadas sobre a obra de Guimarães Rosa, pretende-se explorar o

sertão geográfico do autor a fim de comprovar a sua astúcia e o seu conhecimento no que se refere às paisagens por ele eternizadas. Outros estudos acadêmicos e publicações em diversas áreas mostram que *Grande sertão: veredas* já foi amplamente abordado. Catarina da Conceição Rodrigues, em *Trilhas de Riobaldo: Ficções Identitárias entre o Real e o Imaginário*, analisa a identidade linguístico-discursiva do sertanejo norte-mineiro, tendo como contraponto a fala de Riobaldo, personagem-narrador de *Grande sertão: veredas*. O artigo, intitulado, *Sertão rosiano: percepção, cognição e afetividade geográfica*, de Livia de Oliveira, aborda geograficamente o sertão roseano, ao mesmo tempo em que enfatiza a percepção, a cognição e a afetividade.

Na visão de Patrus A. de Sousa, o autor “contextualiza o sertão em termos geográficos e de espaços vazios, não ocupados, territórios confusos e difusos como sempre foi o complexo e não resolvido tema da ocupação de terras no Brasil.” (SOUSA, 2008).

Kathrin H. Rosenfield, na obra *Grande sertão: veredas – roteiro de leitura*, ao discutir o contexto social brasileiro na década de 1950, transição do Brasil de um país rural, agrícola, para urbano-industrial, faz a seguinte consideração:

[...] no momento em que o Brasil começa a se abrir para o mundo, a obra de Rosa volta-se para as regiões mais recuadas do interior do Brasil. [...] Rosa elabora poeticamente o que há de mais inacessível e brasileiro, prolongando [...] suas incursões pelas formas narrativas da oralidade real e ficcional. Enquanto os romances no Brasil e no mundo inteiro estão voltados para os fenômenos urbanos e o engajamento político, o realismo de Rosa persegue um alvo metafísico, uma aventura espiritual. (2006, p. 11)

Grande sertão: veredas trata-se, portanto, de uma narrativa em que a experiência de vida e a experiência de texto se complementam numa obra fascinante, e sua interpretação continua em aberto despertando interesses de variados públicos.

No entanto, percebe-se que, para os admiradores da obra de Guimarães Rosa, o romance tem como ponto de partida uma situação bastante verossímil: um jagunço aposentado, velho fazendeiro do norte de Minas Gerais, que vive à margem do São Francisco e relata fatos passados não ordenados, mas significativos, que presenciou durante sua vida de jagunço em luta pelo sertão, a um ouvinte que não se conhecerá uma só vez como falante.

Em 1965, o livro ganha uma adaptação para o cinema: *Grande sertão*, sob a direção dos irmãos Santos Pereira. O panorama cultural do período em que o filme foi produzido reflete um momento histórico marcado inicialmente pelo autoritarismo, por uma rígida censura e enraizada autocensura. Em 1989, é criado o Parque Nacional Grande Sertão Veredas, com o intuito de homenagear o escritor. Na época, a região – hoje conhecida por sua enorme riqueza natural e cultural – corria o risco de se transformar em uma enorme área de monocultura, como reflexo do cultivo de grãos por agricultores gaúchos a partir da década de 1970. Segundo Rogério Haesbaert, em *“Gaúchos” e Baianos no “Novo” Nordeste: entre a globalização econômica e a reinvenção das identidades territoriais*,

[...] mutações geográficas recentes num espaço que alguns convencionaram denominar de o “Novo” Nordeste, especialmente o oeste baiano, onde redes de uma modernização agrícola de conexões globais vinculada principalmente ao complexo agroindustrial da soja e difundida por migrantes sulistas conjugam-se com tentativas de controle e um redesenhar de territórios que não apenas

corroboram essa nova dinâmica econômica, mas também envolvem a (re)invenção de identidades na tentativa de legitimar novas unidades político-administrativas. (HAESBAERT, p. 367)

Por isso, a ideia de proteger o ecossistema do Cerrado, composto por veredas e chapadões, teria sido a premissa para proteger os cenários de Rosa e criar o Parque Nacional Grande Sertão Veredas. Dentro dessa perspectiva, percebe-se que Guimarães Rosa, em sua experiência de integração com a natureza, se propõe a registrar em sua ficção uma infinidade de informações sobre o perigo que corre essa biodiversidade.

Nesse sentido, trabalhando a mimese e a representação, a relação entre realidade e ficção na obra roseana, este trabalho tem por objetivos a investigação do romance *Grande sertão: veredas* nos dias atuais, a conexão entre texto literário, filme e realidade, bem como a avaliação da influência da obra na criação do Parque Nacional Grande Sertão Veredas.

Divide-se este estudo em dois capítulos. O primeiro capítulo – *Sobre Guimarães Rosa e o aspecto social de Grande sertão: veredas* – é resultado de uma pesquisa realizada em janeiro de 2010, na cidade de Cordisburgo (MG), terra natal do autor, para visitas a locais histórico-turísticos, para a coleta de material e para o contato com moradores do local, com a finalidade de tentar perceber a importância de Guimarães Rosa e de sua obra para a comunidade e região. Em Cordisburgo (MG), observou-se como a cidade é repleta de referências à obra de Guimarães Rosa através dos nomes que recebem os bairros e as ruas, os estabelecimentos comerciais, os órgãos públicos e as fazendas da região. Nesse contexto, também foram visitados o Museu Casa Guimarães Rosa, casa onde o autor nasceu e morou ainda criança, e a Gruta do Maquiné — cenário do conto *Recado do Morro* — locais

que integram o roteiro turístico de Minas Gerais. Além disso, foram estudados os projetos que reverenciam a obra do escritor, como o Circuito Guimarães Rosa, região turística do Estado de Minas Gerais que congrega municípios relacionados ao *Grande sertão: veredas*, e a Caminhada Literária, evento que envolve contadores e cantadores, com a participação de ex-miguelins “em histórias” encenadas nos próprios locais descritos por Rosa.

Com relação ao sertão geográfico de Rosa, analisa-se a adaptação fílmica do *Grande sertão: veredas*, intitulada *Grande sertão* (1965), a partir do diálogo intermediário dos textos literário e fílmico, ou seja, pelo fato de o filme retratar as paisagens e os cenários exuberantes descritos no livro, enfatizando a característica única da região, as veredas. Em complementação ao estudo realizado — objetivando incrementar a análise da representação do espaço geográfico do sertão — foram escolhidos os filmes *Vidas secas* (1963), do cineasta Nelson Pereira dos Santos, baseado no livro homônimo, de Graciliano Ramos, e *Abril despedaçado* (2001), do diretor Walter Salles, baseado no livro homônimo do escritor albanês Ismail Kadaré. A escolha desses filmes foi motivada pelo fato de ambos destacarem, em seus cenários, a aridez e a seca do sertão (apesar de uma produção optar pela rudeza e a outra, pela perfeição das imagens e das cores). Outro ponto comum entre os filmes e que também justifica a comparação deles com a adaptação do romance de Guimarães Rosa é a ênfase dada à dificuldade de sobrevivência da população sertaneja na paisagem geográfica do sertão, pois esse problema também é vivenciado pelos jagunços, quando relatam suas andanças pelo “sertão mundo”, no texto literário do *Grande sertão: veredas* e no filme *Grande sertão*.

Com base nos estudos literários e culturais, verifica-se a identificação da obra roseana com a população da cidade e a sua contribuição para a cultura regional. Constata-se, a partir daí, a importância do autor para a literatura brasileira, integrando Cordisburgo ao roteiro turístico de Minas Gerais, cujos cenários estão descritos em seus livros, e para a criação de projetos culturais e de inclusão social de jovens da região.

No segundo capítulo – *As veredas do Parque Nacional* –, a partir da visita ao Parque Nacional Grande Sertão Veredas, no município de Chapada Gaúcha (MG), em janeiro de 2010, procede-se a uma análise dos objetivos de sua criação: a preservação ambiental e do modo de vida do sertanejo que ainda reside no Parque. As possíveis semelhanças existentes entre o espaço real do Parque Nacional Grande Sertão Veredas e o espaço criado por Guimarães Rosa encontram-se respaldadas no trabalho de Alan Viggiano – *Itinerário de Riobaldo Tartarana* –, que contém o mapeamento de mais de 250 lugares, entre cidades, vilas, povoados, rios, córregos, veredas e outros, citados no livro *Grande sertão: veredas*. Dessa maneira, a análise e interpretação dos dados coletados evidenciaram a relação entre realidade e ficção, construída por Guimarães Rosa. A seleção dos locais para a pesquisa teve como referência o mapeamento feito por Viggiano. Devido a isso, neste capítulo, são apresentadas algumas questões ligadas à geografia da região, a qual se caracteriza pelo cerrado, ressaltando os aspectos físicos, como as bacias hidrográficas, os rios, o relevo, a fauna e a flora. Também é analisada a relação entre a população local — jagunços, vaqueiros, sertanejos — e o ambiente, destacando a questão cultural da região.

O método utilizado nessa pesquisa foi o de comparação dos dados levantados na análise literária com os dados coletados em Cordisburgo (MG) e no Parque Nacional Grande Sertão Veredas. A pesquisa permite, assim, o cruzamento de áreas entre a literatura e a geografia, em função das várias abordagens possíveis que *Grande sertão: veredas* proporciona aos estudiosos de qualquer área. Esse cruzamento encontra sintonia nos estudos de Stuart Hall, para quem “as culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações” (2006, p. 50). Ou ainda, “as culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre ‘a nação’, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com o passado e imagens que dela são construídas” (p.51). Dentro dessa perspectiva, Guimarães Rosa descreve literariamente — através do registro da oralidade — a cultura popular encontrada na convivência sertaneja e cotidiana dos moradores da região norte de Minas Gerais e que serão incorporadas pelos personagens de *Grande sertão: veredas*.

A verossimilhança das obras de Guimarães Rosa produz imagens com as quais os leitores que buscam os lugares reais descritos nas histórias de seus livros e as pessoas que moram ou conhecem a região se identificam, lugares esses que simbolizam e representam a identidade da região de Minas Gerais. A identificação da obra *Grande sertão: veredas* com o sertão de Minas Gerais permite aos seus leitores vivenciar a literatura em seu local de origem, na atmosfera que envolvia Rosa e, ao mesmo tempo, permite ampliá-la para outros limites, mas sem fragmentá-la. Hall nos explica que: “Quanto mais a vida social se torna mediada pelo

mercado global de estilos, lugares e imagens, [...] mais as *identidades* se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem ‘flutuar livremente’.” (2006, p. 75; grifo do autor). Rosa, porém, quando escreve sobre o sertão, relata o seu conhecimento sobre o que está escrevendo. Por várias razões, busca-se o livro, mas, entre elas, destaca-se o desejo do leitor de conhecer outras realidades; logo, o mundo real é, para a literatura, apenas base, referência ou ponto de partida. Guimarães Rosa, com a sua experiência de diplomata e conhecedor de muitos países, transforma a visão real do sertão mineiro, estilizando a linguagem do sertanejo e seus costumes. Acrescenta a isso uma leitura específica e subjetiva do mundo, das pessoas e do espaço que as cerca, garantindo a singularidade de seu estilo.

Em suma, percebemos, com o estudo da produção literária de Guimarães Rosa, a existência do diálogo entre o ambiente e a arte, que pode ser verificado através da revalorização do conhecimento do povo sertanejo e de suas práticas tradicionais produzidas em harmonia com o mundo natural. Guimarães Rosa pode ser considerado um intérprete da natureza, pois com seus livros apreendemos, compreendemos e internalizamos as questões ambientais.

Esse contexto de fusão entre ambiente e literatura pode ser visto, também, a partir de uma visão literária ou da cultura, evidenciando a relação da sociedade com o meio ambiente, que Garrard, com a contribuição da visão de alguns estudiosos do assunto, define como ecocrítica, como se vê a seguir:

O que é ecocrítica, então? Dito em termos simples, a ecocrítica é o estudo da relação entre a literatura e o ambiente físico. Assim como a crítica feminista examina a língua e a literatura de um ponto de vista consciente de gêneros, e a crítica marxista traz para sua interpretação dos textos uma consciência dos modos

de produção e das classes econômicas, a ecocrítica adota uma abordagem dos estudos literários centrada na Terra (GLOTFELTY, citado em GARRARD, 2006, p. 14).

Dessa forma percebe-se que, sob essa perspectiva, a literatura reflete criticamente sobre os modos de inserção do sujeito na natureza, contribuindo para a reflexão sobre os problemas ambientais que o mundo enfrenta hoje.

1 SOBRE GUIMARÃES ROSA E O ASPECTO SOCIAL DE *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*

1.1 GUIMARÃES ROSA

Joãozinho, como era chamado carinhosamente por seus familiares, na infância, é João Guimarães Rosa (1908-1967), um menino que adorava inventar suas brincadeiras, brinquedos e imaginar histórias, gostava de estudar sozinho e de brincar de geografia. Também gostava de ficar ouvindo os “causos” dos fregueses na venda de seu pai. “Causos” esses que mais tarde se tornaram enredos de suas obras e, as pessoas conhecidas, seus personagens.

Em entrevista ao jornalista paraibano Ascendino Leite, em 1946, o autor revela:

Gostava de estudar sozinho e de brincar de geografia. Mas, tempo bom, de verdade, só começou com a conquista de algum isolamento, com a segurança de poder fechar-me num quarto e trancar a porta. Deitar no chão e imaginar histórias, poemas, romances, botando todo mundo conhecido como personagens, misturando as melhores coisas vistas e ouvidas, numa combinação mais limpa e mais plausível, porque – como muita gente já compreendeu e já falou – a vida não passa de história mal arranjada, de espetáculo fora de foco. A arte e o céu serão, pois, assunto mais sério, e também são países de primeira necessidade. (LIMA, 1997, p. 39)

Guimarães Rosa deixou a cidade onde morava, no interior de Minas Gerais, Cordisburgo, ainda menino, para ir estudar no Grupo Escolar Afonso Pena, em Belo Horizonte. Muito dedicado aos estudos, aprendeu sozinho vários idiomas e frequentava muito a biblioteca.

Mesmo ingressando na Faculdade de Medicina, continuou interessado pela literatura e, em 1929, estreia como autor do conto *O Mistério de Highmore Hall*, no concurso da revista *O Cruzeiro*.

Em 1930, casou-se com Lygia Cabral Penna, com quem teve duas filhas. Formou-se em dezembro desse mesmo ano, indo exercer a carreira de médico no município de Itaguara, interior de Minas Gerais. Depois de dois anos de exercício na carreira, deixou a profissão de médico. Durante a Revolução Constitucionalista de 1932, trabalhou como voluntário na Força Pública. Em 1933, após prestar concurso, é efetivado como Oficial Médico do 9º Batalhão de Infantaria de Barbacena. Posteriormente, por ser conhecedor de mais de 15 idiomas e por influência de um amigo, presta concurso para o Itamarati, passando em segundo lugar e ingressando na carreira diplomática.

A Academia Brasileira de Letras, em 1936, premia o seu livro de poemas *Magma*. Em 1937, Rosa concorre ao Prêmio Humberto de Campos da Livraria José Olympio, recebendo o resultado de segundo colocado, em maio do ano seguinte, quando exercia o cargo de cônsul adjunto em Hamburgo, na Alemanha.

Em 1942, em meio à Segunda Guerra Mundial, o Brasil rompe relações com a Alemanha e, por esse motivo, Guimarães Rosa e outros membros do corpo diplomático foram detidos em Baden-Baden e libertados em troca de diplomatas alemães que estavam presos em território brasileiro. Logo após, foi designado secretário da embaixada na Colômbia.

Exerce por duas vezes o cargo de chefe de gabinete do Ministério das Relações Exteriores: a primeira no governo Dutra (1946-1948); e a outra no governo de Getúlio Vargas (1951-1953).

Em 1946, publicou *Sagarana* – considerada uma das mais importantes obras de nossa literatura –, com o qual recebeu diversos prêmios e reconhecimentos. Somente em 1956, lançou outros dois livros: os contos de *Corpo de Baile* e *Grande sertão: veredas*. As demais obras que fazem parte da galeria de Guimarães Rosa são: *Com o vaqueiro Mariano* (1952), *Primeiras estórias* (1962), *Tutaméia: Terceira estórias* (1967), *Estas estórias* (1969), *Ave palavra* (1970) e *Magma* (1997), sendo as três últimas obras póstumas.

Quando publicou *Primeiras estórias*, em 1962, foi nomeado chefe do Serviço de Demarcação de Fronteiras. No ano seguinte, lançou-se candidato à Academia Brasileira de Letras pela segunda vez. Foi eleito por unanimidade para suceder seu antigo chefe, o ex-chanceler Neves de Fontoura, que ocupava a cadeira de número 12. Rosa, porém, adiou por quatro anos a sua posse por motivo de saúde. A cerimônia ocorreu em 1967; em seu discurso, homenageou o seu antecessor e, em um tom de despedida, referiu-se a sua cidade natal, Cordisburgo. Três dias depois, em 19 de novembro, em decorrência de um enfarte, Guimarães Rosa faleceu.

Desde pequeno, Guimarães Rosa gostava de geografia e, segundo Marily Cunha e Dieter Heidemann,

o reconhecimento de Guimarães Rosa, de ser um “velho admirador” e “velho amoroso” da geografia, foi publicamente assumido pelo escritor, ao tomar posse, no dia 20 de dezembro de 1945, no cargo de sócio titular da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. Em seu pronunciamento¹, publicado originalmente na Revista da Sociedade Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro (Tomo LIII, 1946, p. 96-7), afirmou que sua paixão pela geografia “veio pelos caminhos da poesia” e descreveu sua emoção pela beleza das terras brasileiras. (CUNHA & HEIDEMANN, 2010)

¹ O pronunciamento publicado originalmente na Revista da Sociedade Brasileira de Geografia - Rio de Janeiro (Tomo LIII, 1946, p.96-7) encontra-se integralmente no Anexo.

Esse amor pela geografia encontra-se expressivamente relatado em suas obras, pelo fato de o autor retratar os lugares por onde passou durante suas andanças pelo sertão, ou mesmo pelo fato de ficcionalmente, em seus contos, Rosa dar atenção especial ao espaço, o que podemos constatar na seguinte passagem da obra *Grande sertão: veredas*:

Daí, uns desconfiavam, de se estar onde estávamos. Donde a perto dele umas poucas cinco léguas: o desmenso, o *raso* enorme — por detrás dos môrros. E a gente dava a banda da mão esquerda ao Vão-do-Ôco e ao Vão-do-Cúio: esses buracões precipícios — grotão onde cabe o mar, e com tantos enormes degraus de florestas, o rio passa lá no mais meio, oculto no fundo do fundo, só sob o bolo de árvores pretas de tão velhas, que formam mato muito matagal. Isto é um *vão*. (ROSA, 2001a., p. 520-521)

Em seu discurso como sócio titular da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, expressa sua emoção pela beleza das terras brasileiras e explica como surgiu o seu amor pela geografia:

Devo explicar-me. De início, o amor da Geografia me veio pelos caminhos da poesia – da imensa emoção poética que sobe da nossa terra e das suas belezas: dos campos, das matas, dos rios, das montanhas; capões e chapadões, alturas e planuras, ipuêiras e capoeiras, caatingas e restingas, montes e horizontes; do grande corpo, eterno, do Brasil. Tinha que procurar a Geografia, pois. Porque, «para mais amar e servir o Brasil, mistér se faz melhor conhecê-lo»; já que, mesmo para o embevecimento do puro contemplativo, pouco a pouco se impõe a necessidade de uma disciplina científica. (CUNHA & HEIDEMANN, 2010)

1.2 CORDISBURGO

Antes chamada Vista Alegre, Cordisburgo ou “cidade do coração” é uma típica cidade mineira: “[...] logo na entrada, avista-se a igrejinha de São José,

torneada de azul e branco, como as igrejas de Minas Gerais.” (ZIANI, ano 1, p. 62). Cidade natal de Guimarães Rosa, procura preservar a memória de seu ilustre escritor: “Na rua principal, fica o Museu Casa Guimarães Rosa no lugar onde o escritor morou até os 9 anos – na época, venda do Seo Fulô, pai de Guimarães.” (ano 1, p. 62).



Figura 1 - Igrejinha de São José



Figura 2 - Museu Casa Guimarães Rosa



Figura 3 - Venda do Seo Flô



Figura 4 – Placa

Ao andarmos por Cordisburgo nos deparamos, a todo momento, com citações de partes das obras de Guimarães Rosa. Elas estão nas paredes de lojas, de bares, nos muros das escolas, no muro do cemitério — “As pessoas não morrem, ficam encantadas.” Na parede da Loja Brasinha, de propriedade de José Osvaldo dos Santos, os trechos escolhidos foram os que se referem à cidade natal do escritor: “Cordisburgo é o lugar mais famoso devido ao ar e ao céu, e pelo arranjo que Deus

caprichou em seus morros e suas vargens; por isso mesmo lá, de primeiro, se chamou Vista Alegre.”

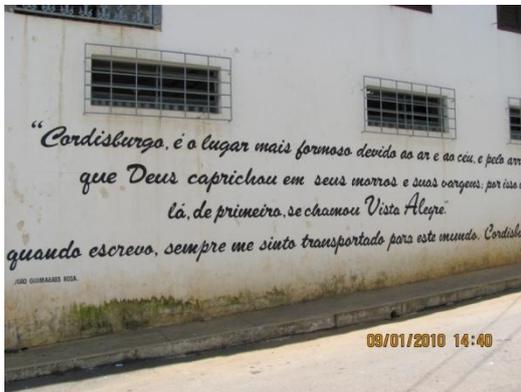


Figura 5 - Loja Brasinha



Figura 6 - Centro de artesanato de Cordisburgo

Como se pode perceber, toda a cidade está repleta de referências à obra de Guimarães Rosa. Segundo Maurício Lara,

se a criação de Guimarães Rosa está impregnada pelo sertão e por Cordisburgo, a cidade também vive claramente impregnada pela obra de seu filho. Parece que tudo por lá tem a marca dele. A lista é grande: Bairro Buritis, onde os nomes das ruas são referência a personagens, Bairro Sagarana, Posto Guimarães Rosa, Fazenda Sagarana, Sítio Tutaméia, Biblioteca Riobaldo e Diadorim, Travessa Guimarães Rosa, Academia Cordisburguense de Letras Guimarães Rosa, Loja Sagarana, Restaurante e Pizzaria Um Conto e Cem, Bar Sertão e Veredas e até a Cachaça Rosa do Sertão [...] A fama ficou. De propósito ou não, está lá no Grande sertão, na fala de Riobaldo: “Seja a fama de glória...Todo o mundo vai falar nisso, por muitos anos, louvando a honra da gente, por muitas partes e lugares. Hão de brotar verso em feira, assunto de sair divulgado em jornal de cidade.” (LARA, 2010)

O turismo, em Cordisburgo e região, é impulsionado pelos estudiosos de literatura, bem como por aqueles que querem conhecer as obras de Guimarães Rosa. Munidos de espírito aventureiro, eles encontram estradas de chão, caminham

pelo cerrado, hospedam-se em pensões simples e, por alguns dias, vivem a vida simples da roça, descobrindo lugares presentes na ficção de Guimarães Rosa. Guias especializados que conhecem a geografia roseana conduzem os viajantes às belezas da flora e da fauna do sertão. Os Contadores de Estórias do Circuito Guimarães Rosa narram as histórias de Rosa, nos próprios cenários onde elas se passam.

1.2.1 Museu Guimarães Rosa

O Museu Casa Guimarães Rosa mantém viva a memória do escritor, pois foi na casa onde ele nasceu e morou ainda criança — até os nove anos de idade — que foi criado para preservar a sua história e a de sua família. Foi inaugurado em 1974 e é mantido com a ajuda da Associação dos Amigos do Museu Casa Guimarães Rosa, vinculado à Superintendência de Museus da Secretaria de Cultura de Minas Gerais.

Nele encontramos pertences de Guimarães Rosa que faziam parte de seu cotidiano, como a velha máquina de escrever, medalhas e condecorações, tudo conservado de forma idêntica à disposta em sua casa. Dentre eles: a cozinha e seus utensílios; o quarto da vovó Chiquinha — personagem de um de seus livros, *Manuelzão e Miguilim*; o seu quarto e suas roupas; e a réplica da venda de seu pai, o “Seo Flô”, típica venda de “secos e molhados”, como era chamada antigamente.



Figura 7- Máquina de escrever



Figura 8- Roupas



Figura 9- Estatuetas da cavalgada



Figura 10- Estatueta do prêmio Gutemberg

De acordo com Wilson Renato Pereira,

em 1995, após ter passado por reformas, o Museu Casa Guimarães Rosa foi reaberto, colocando à disposição da população cerca de 200 peças que registram a vida do escritor, além de 1.200 documentos, recortes de jornais, correspondências, fotografias e originais, destacando-se *Tutaméia*, sua última obra publicada. (PEREIRA, 2010)

Exposições temporárias de pintores e de fotógrafos, dentre outros artistas, são montadas no museu, enaltecendo a vida e a obra de Guimarães Rosa. Em

entrevista a Wilson R. Pereira, o historiador e diretor do museu, Ronaldo Oliveira, diz:

A instituição hoje é referência para o turismo em Minas, integrando o roteiro tradicional de visitas à Gruta de Maquiné, um tesouro espeleológico [...] Além disso, é um local de atração de pesquisadores brasileiros e estrangeiros interessados no acervo museológico referente ao autor e, ainda, importante fator de relacionamento com a comunidade local, graças a uma ação cultural intensa que permite à população conhecer e apropriar-se da obra de seu conterrâneo. (PEREIRA, 2010)

Segundo Hall, “as culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. [...] estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que delas são construídas.” (2006, p. 50-1). É o que acontece com Guimarães Rosa em relação à comunidade de Cordisburgo. A partir de suas obras, que se tornaram símbolo da cultura regional e nacional, constroem-se identidades que conectam o presente com o passado.

1.2.2 Grupo Miguilim



Um grupo de Miguilins com a camiseta que é a marca do contador de histórias.

Figura 11- Grupo Miguilim

Para incentivar a leitura das obras de Guimarães Rosa, a médica Calina da Silveira Guimarães, prima do escritor, criou o Grupo de Contadores de Estórias Miguilim, formado por crianças e adolescentes. O nome se refere à personagem infantil do livro *Manuelzão e Miguilim*.

A seleção de meninos e meninas ficava a cargo de Calina. Depois ela passou a contar com a colaboração das professoras que indicam os alunos com habilidade natural em contar histórias, principalmente aqueles que frequentam o sexto e o sétimo ano, entre 11 e 12 anos. Esses alunos permanecem no projeto até por volta dos 17, 18 anos, quando então atingem a idade de prestar o vestibular.

As crianças selecionadas, após um ano e meio de treinamento, recebem uma camiseta que as identifica como integrantes do Grupo Miguilim; como norma, só podem contar histórias quando estiverem usando-a. O empréstimo da camiseta é proibido e, quando os alunos deixam o projeto para entrar nas universidades, eles a devolvem.

No jardim do museu, em seus plantões semanais, integrantes do grupo de Contadores de Estórias Miguilim apresentam trechos das obras de Guimarães Rosa.



Figura 12 - Integrante do Grupo Miguilim

Os Miguilins fazem parte de um projeto cultural e de inclusão social em Cordisburgo. São preparados e formados para apresentações sobre a obra do escritor no museu dedicado a ele e nas Semanas Roseanas. Na preparação, eles têm contato com fábulas e depois passam a estudar os textos de Guimarães Rosa. Atualmente, o grupo é formado por vinte e dois alunos e duas professoras.

Participar do Grupo Miguilim é muito bem visto pelas famílias de Cordisburgo e região, pois é uma oportunidade de os jovens crescerem e amadurecerem com as viagens, apresentações em teatros, museus, bibliotecas e muitos outros locais de todo o país.

As pessoas que tiveram a oportunidade de participar da Semana Roseana comentam que a dificuldade em ler as obras de Guimarães Rosa desaparece quando conhecem a obra do autor através da contação de histórias realizadas pelo grupo Miguilim.

1.2.3 Gruta do Maquiné

A Gruta do Maquiné é uma formação natural, a cinco quilômetros do centro de Cordisburgo, que faz parte do cenário do conto *O recado do morro*, de Guimarães Rosa. Muitos turistas, ao receberem o informativo do Circuito das Grutas de Minas Gerais, descobrem a literatura do escritor e passam a buscar locais que o inspiraram. Nos registros do informativo, consta que

Maquiné foi descoberta em 1825 pelo fazendeiro Joaquim Maria do Maquiné, na época proprietário de terras. O berço da paleontologia brasileira foi explorado cientificamente, em 1834, pelo sábio naturalista dinamarquês Dr. Peter Wilhelm Lund que, em seguida, mostrou ao mundo as belezas naturais de raro primor. Com sete salões explorados, totalizando 650 metros lineares e desnível apenas de 18 metros, o preparo de iluminação e passarelas possibilitou aos visitantes

vislumbrarem, com segurança, as maravilhas de Maquiné, onde todo o percurso é acompanhado por um guia local. (Gruta do Maquiné, [20--])

Com relação à gruta, Guimarães Rosa afirmava que:

E, mais do que tudo, a Gruta do Maquiné – tão inesperada de grande, com seus sete salões encobertos, diversos, seus enfeites de tantas cores e tantos formatos de sonhos, rebrilhando risos de luz – ali dentro a gente se esquecia numa admiração esquisita, mais forte do que o juízo de cada um, com mais glória resplandecente do que uma festa, do que uma igreja. (ROSA, 1976, p. 11)

O recado do morro retrata o cenário da Gruta do Maquiné nestas paisagens:

Não, bronco ele não era, como o Ivo, que nem tinha querido entrar, esperara fora: disse que já estava cansado de conhecer a Lapa. Mas, daquilo, daquela, ninguém não podia se cansar. (ROSA, 1976, p. 11)

E nas grutas se achavam ossadas, passadas de velhice, de bichos sem estatura de regra, assombração deles – o megatério, o tigre-dente-de-sabre [...]. (ROSA, 1976, p. 7)

As réplicas dos animais relatados no conto *O recado do morro*, como o megatério, o tigre-dente-de-sabre, entre outros, estão expostas no zoológico de pedra, ao ar livre, em Cordisburgo.

Guimarães Rosa, em seu pronunciamento, ao tomar posse na Sociedade Brasileira de Geografia, no Rio de Janeiro, faz a seguinte apreciação sobre a Gruta do Maquiné:

Dois dias depois, estava eu visitando, em Cordisburgo – meu torrão inesquecível – a maravilha das maravilhas, que é a Gruta do Maquiné. E, aqui, confesso, muita coisa se revelou a mim, pela primeira vez. Certo, eu já pensava conhecer, desde a infância, os feéricos encantos da Gruta e as suas deslumbrantes redondezas: môrros, bacias, lagoas, sumidouros, monstruosos paredões de calcáreo, com o raizame laocôntico das gameleiras priscas, e o róseo florir das cactáceas

agarrantes. Mas, era que, desta vez, eu trazia comigo um instrumento precioso – bússola, guia, roteiro, óculo de ampliação: o trabalho que devemos à minuciosa operosidade, ao sentimento poético, à capacidade científica e ao talento artístico do meu saudoso amigo Afonso de Guaira Heberle: o reconhecimento topográfico «A Gruta de Maquiné e os seus Arredores». Deu-se a valorização da estesia paisagística, graças às lições da ciência e da erudição. Prestígio da Geografia! (CUNHA & HEIDEMANN, 2010)

Como podemos observar, Guimarães Rosa, apesar de ter viajado para diversos países, conhecido inúmeros lugares, sempre que possível mantinha contato com as suas origens, pois os lugares significativos e pessoais não mudam com o passar dos anos.

Hoje, a Gruta do Maquiné é um dos locais mais visitadas do Circuito de Grutas de Minas Gerais e do Brasil, que, de acordo com seu administrador, recebeu em torno de 36.300 visitantes em 2006.



Figura 13- Gruta do Maquiné

1.3 CIRCUITO GUIMARÃES ROSA



Figura 14- Placa Circuito Guimarães Rosa

O Circuito Guimarães Rosa, criado em 2004, “[...] oferece a possibilidade de vivenciar a literatura em seu local de origem, o sertão.” (ZIANI, ano1, p. 61). Ele foi elaborado pela cineasta Marily e por Fátima Coelho, esposa do prefeito de Morro da Garça, na época. O projeto iniciou com sete municípios e, mais tarde, foi ampliado para treze cidades.

De acordo com Beth Ziani (ano1, p. 62), participam desse circuito treze cidades, das quais algumas se destacam por terem sido cenários da obra *Grande sertão: veredas* e outras foram caminhos que o autor percorreu para escrever suas obras.

Em Araçari, encontra-se a fazenda São Francisco, onde Rosa terminou sua viagem de 1952. Buritizeiro foi o local da batalha final de *Grande sertão: veredas*. Corinto é onde cresceu o personagem Riobaldo. Curvelo é a terra do doutor Lourenço, de “Campo Geral”. Felixlândia é cenário do *Grande sertão: veredas*, assim como Inumitaba e Várzea da Palma. Lassance foi onde Diadorim passou a

sua infância. Morro da Garça é o município-sede do Circuito Guimarães Rosa e o local do cenário do conto *O recado do morro*. Em Pirapora, situada às margens do rio São Francisco, Riobaldo conhece Diadorim. Presidente Juscelino é o local de passagem de Riobaldo. Três Marias é o ponto de partida da boiada em 1952.

O Circuito Guimarães Rosa (CGR), segundo Marily Cunha e Dieter Heidemann (2010),

[...] oferece roteiros que levam os viajantes aos lugares reais onde se passam as histórias de João Guimarães Rosa e que definem o “sertão roseano”. O “sertão roseano”, além de ser uma experiência literária, é uma viagem ao coração do Brasil, muito distante do turismo convencional.[...] Os viajantes do CGR encontram nos 13 municípios, além dos cenários da obra, em vias de sinalização, festas religiosas com suas capelas enfeitadas, procissão, violeiros, Café Sertanejo, barraquinha e forró e a deliciosa culinária sertaneja.

Esses locais reais envolvem as pessoas em uma atmosfera de sonho. Em Cordisburgo, por estar “entre os móveis, edições antigas de livros, objetos do acervo pessoal do escritor e a vendinha reconstituída, a sensação é que estamos mais próximos de Rosa.” (ZIANI, ano 1, p. 62). Como podemos constatar, além dos objetos do Museu Casa Guimarães Rosa, diversas atividades em Cordisburgo relembram o escritor. As andanças pelas cidades do sertão mineiro sugeridas na obra levam muitos leitores a percorrerem os caminhos que Rosa também percorreu para escrever suas histórias.

No mapa² a seguir, estão relacionados os municípios que pertencem ao Circuito Guimarães Rosa:

²Fonte: Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v20n58/01.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2010.

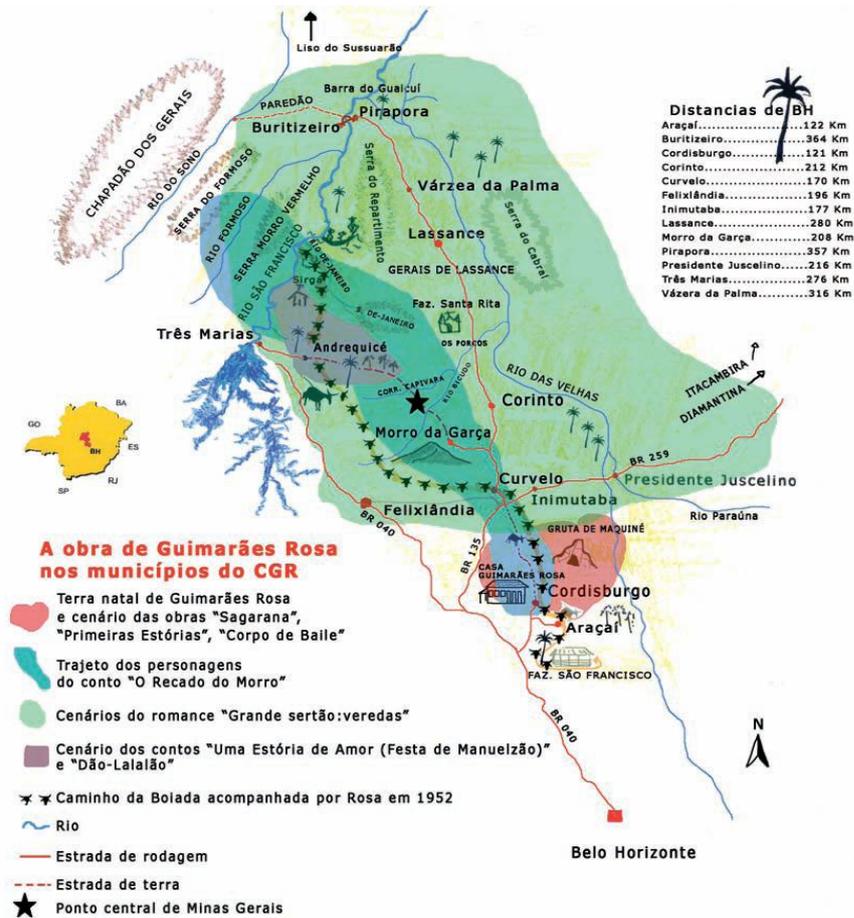


Figura 15- A obra de Guimarães Rosa nos municípios do Circuito Guimarães Rosa

1.3.1 Semana Roseana

As Semanas Roseanas – evento que ocorre desde 1989 – são organizadas anualmente pela Academia Cordisburguense de Letras. Muitas atividades são desenvolvidas: mesas-redondas, oficinas literárias, de música, de bordado e desenho, apresentações teatrais, lançamento de livros, feiras de artesanatos e caminhadas eco-literárias.

A Associação dos Amigos do Museu, que também contribui para a realização da Semana Roseana, criou o Grupo da Melhor Idade Estrela do Sertão, em 2001. O grupo trabalha com bordados e os encontros eram inicialmente realizados uma vez por ano, na Semana Roseana. Atualmente, reúnem-se duas

vezes por semana para bordar. O trabalho desenvolve-se da seguinte maneira: as bordadeiras ouvem ou leem textos de Guimarães Rosa e criam com a agulha seus trabalhos conforme a percepção de cada uma.

Maurício Lara (2010) nos descreve: “Pequenos trechos são colocados nas paredes da sala das bordadeiras e elas escolhem qual desejam recriar na ponta da agulha. ‘Quero bordar o número quatro’, ou ‘Quero bordar o número dezessete’”. O número dezessete, no caso, é a Canção de Siruiz, retirada de *Grande sertão: veredas*, que diz: “Urubu é vila alta, mais idosa do sertão: padroeira, minha vida — vim de lá, volto mais não?... Corro os dias nesses verdes, meu boi mocho baetão: biriti — água azulada, carnaúba — sal do chão... Remanso de rio largo, viola da solidão: quando vou p’ra dar batalha, convido meu coração.” (ROSA, 2001a., p. 135).

Segundo Solange Trombini, em entrevista a Lara, “Elas conhecem a obra dele não pelos livros, mas porque fazem parte do que ele conta. É uma lição de vida.” (LARA, 2010).

Em 2001, professoras aposentadas e funcionárias públicas criaram o Grupo Teia de Aranha, com o objetivo de bordar os temas das obras de Guimarães Rosa. Nívea D’Otero Sacarpinella, Rioco Kayano, Rosa Haruco Tane, Cristina Ferreira, Maria Alice Romaninho e Beth Ziani, componentes do grupo, confessam que no início das atividades não sabiam nem bordar. Mas Neuma Cavalcante, estudiosa das obras de Guimarães Rosa, foi quem teve a ideia de formar o grupo utilizando trabalhos manuais. Elas se reúnem uma vez por semana, pesquisam a vida e obra do autor, elaboram os riscos e bordam.

No princípio da formação do grupo, tiveram um grande desafio, que foi o de montar seis painéis que servissem de cenário para as contadoras de história Dôra Guimarães e Elisa Almeida. Com seis meses de trabalho, o *Grande sertão: veredas* bordado embarcava para Portugal.



Figura 16- Homenagem aos 100 anos de nascimento de Guimarães Rosa



Figura 17- Revista Discutindo Literatura



Figura 18- O universo do conto *Buritis*

Outro importante trabalho das bordadeiras foi ilustrar o exemplar da revista *Discutindo literatura*, edição de comemoração do centenário de Guimarães Rosa, publicada em 2008.

O grupo Teia de Aranha participou, em Fortaleza, da exposição de seus bordados e de retratos do *Memória viva* — projeto de Beth Ziani —, no Centro Cultural Banco do Nordeste, em comemoração aos 100 anos de Guimarães Rosa.

A partir do Grupo Teia de Aranha, a ideia de realizar trabalhos manuais que retratem as obras de Guimarães Rosa expandiu-se para outros locais, tais como Morro das Garças, em Minas, e a própria cidade natal de Rosa, Cordisburgo.

1.3.2 Caminhadas eco-literárias

A caminhada eco-literária tem por objetivo percorrer espaços rurais e urbanos citados nas obras de Guimarães Rosa, permitindo aos participantes conhecer o cerrado e a cultura do sertão e fazendo a educação ambiental conscientizar as pessoas da importância da conservação da região, como cerrados, campos, chapadas, veredas e rios, através dos textos selecionados e narrados pelo Grupo Caminho do Sertão. De acordo com Ziani, o Grupo Caminho do Sertão, responsável pelo evento, envolve “contadores e cantadores, geralmente ex-miguelins que atingem a maioria. Idealizada por José Osvaldo dos Santos, o ‘Brasinha’, um profundo conhecedor da obra e do sertão, a Caminhada completou oito anos [...]” (ano 1, p. 62). A ideia do Grupo é que a caminhada aconteça em todo o sertão de Guimarães Rosa. O nome do Grupo Caminho do Sertão originou-se do fato de esse grupo ser chamado para realizar caminhadas eco-literárias em outros locais, além de Cordisburgo.

A primeira caminhada ocorreu em 1999 – mais urbana, percorrendo vários pontos de Cordisburgo, os quais se encontram relatados nas obras de Guimarães Rosa. No ano de 2000, ocorreu nos arredores da cidade, porém sem encenação dos contos, apenas com a narração de trechos das histórias. A partir de 2001, as caminhadas passaram a reunir paisagens literárias ao texto vivo. Em 2008, a caminhada eco-literária homenageou o cinquentenário da obra *Grande sertão: veredas*, encenando as inquietações pessoais de Riobaldo em relação a Deus e ao Diabo.

Como podemos observar, a cada ano as sucessivas caminhadas têm um tema diferente. Segundo Wilson Renato Pereira, ‘o de 2009 foi *A Loucura na Obra Roseana*, com detalhes e interpretações de contos que abordam o assunto. Foram narrados trechos de ‘Sorôco, sua mãe, sua filha’, ‘A terceira margem do rio’ e ‘A menina de lá’, extraídos dos livros *Primeiras estórias*, *Grande sertão: veredas*, *Manuelzão e Miguilim*” (PEREIRA, 2009). Muitos outros lugares da região onde se localiza Cordisburgo foram mencionados nos romances e livros de Guimarães Rosa, como São Tomé, Cuba, Onça. Dois locais que integram o conto *O recado do morro* – um acidente geográfico localizado no município de Morro da Garça e a Fazenda da Ponte, onde é narrada a passagem da boiada – fizeram parte por três anos do roteiro da caminhada. Outros locais, presentes em *Corpo fechado*, *Histórias da ave*, *Palavra* e trechos do *Grande sertão: veredas*, incluíram esses roteiros.

Durante todos esses anos, com as devidas mudanças e adaptações, as caminhadas vêm ocorrendo, principalmente em Cordisburgo e nos seus arredores, mas também já foram realizadas em outros locais de Minas Gerais — como Alto

Belo e Montes Claros — e também em São Paulo, no Parque Ibirapuera e no bairro de Pinheiros.

As caminhadas iniciaram-se com poucas pessoas, em torno de vinte; hoje contam com a participação de mais de quinhentas pessoas. O motivo que as levou a participar do evento foi a facilidade de entendimento das obras de Guimarães Rosa, quando narradas nos próprios locais referidos nos contos.

Ao analisar o que se passa durante as caminhadas, Pereira diz: “Foi nesse ambiente que cenas inusitadas aconteceram, como se as passagens dos livros de Guimarães Rosa tivessem brotado para a realidade, na percepção de quem está lá.” (PEREIRA, 2010).

Dentre as cenas inusitadas, uma delas foi, segundo Pereira (2009), quando “alguns bois, surgindo de repente, ficam perto das pessoas, parecendo querer saber o que estava acontecendo.” Brasinha, organizador do evento, interpreta essa situação da seguinte forma: “Só pode ser coisa de Guimarães Rosa”. E relaciona a cena a um texto do livro *Sagarana, Conversa entre os bois*, que diz: “O homem é um bicho esmochado, que não devia haver. Nem convém espiar muito para o homem. É o único vulto que faz ficar zozzo, de se olhar muito. É comprido demais, para cima, e não cabe todo de uma vez dentro dos olhos da gente.” (ROSA, 2001b., p. 331).

Como podemos perceber, os episódios acontecem sem estar previstos no roteiro; muitos dos caminhantes, porém, os interpretam como pertencentes ao evento, constatando que a ficção e a realidade se complementam na interpretação das passagens dos livros de Guimarães Rosa. Ou seja, “o mundo ficcional se apoia parasiticamente no mundo real, que toma por seu pano de fundo.” (ECO, 2009, p. 99).

1.4 GRANDE SERTÃO: VEREDAS

“Quando escrevo, repito o que já vivi antes. E para estas duas vidas, um léxico só não é suficiente. Em outras palavras, gostaria de ser um crocodilo vivendo no rio São Francisco. Gostaria de ser um crocodilo porque amo os grandes rios, pois são profundos como a alma de um homem. Na superfície são muito vivazes e claros, mas nas profundezas são tranqüilos e escuros como o sofrimento dos homens”.

João Guimarães Rosa

A significação do título *Grande sertão: veredas* está presente em diversos trechos da obra, nas várias definições do termo “grande sertão”, narradas pelo protagonista. Segundo Milton Santos, em *A natureza do espaço: espaço e tempo: razão e emoção*, “o espaço geográfico deve ser considerado como algo que participa igualmente da condição do social e do físico, um misto, um híbrido” (p. 70). Nessa perspectiva, o termo “grande sertão” ora é considerado como uma região “natural e social”, ora como “região ética” e, também, como “região espiritual, religiosa ou mística” (COUTINHO, 1991, p. 224). Mistura o bem e o mal: “O grande-sertão é a forte arma. Deus é um gatilho?” (ROSA, 2001a., p. 359). Aprofunda o íntimo das pessoas: “O sertão é sem lugar.” (p. 370). Quanto à percepção geográfica, “os sertões de Guimarães Rosa não correspondem a uma área específica, geograficamente delimitada, mas ao mundo em sua globalidade, e seus personagens não são ‘os homens do sertão’, mas homens em geral, de qualquer tempo e lugar.” (COUTINHO, 1991, p. 224). Estão em sintonia, portanto, com as concepções de Giddens (1990), no que se refere às “transformações do tempo e do espaço e o que ele chama de ‘desalojamento do sistema social’ – a ‘extração’ das

relações sociais dos contextos locais de interação e sua reestruturação ao longo de escalas indefinidas de espaço-tempo.” (citado em HALL, 2006, p. 15-16).

Quando nos deparamos com o termo “sertão”, logo vêm as características de um ambiente seco, inóspito, ou seja, uma imagem desértica. Porém, com Guimarães Rosa, na travessia do sertão surge a vereda. É o espaço aquático e abundante. Ao acrescentar o termo “veredas”³ ao título da obra, ele desfaz essa imagem de “sertão” desolado e inumano, pela importância delas – das veredas – como canal de penetração e comunicação no sertão mineiro.

Em *Grande sertão: veredas*, Guimarães Rosa, com um profundo conhecimento do local, proporciona ao leitor imaginar-se inserido na paisagem. Segundo Umberto Eco, “[...] espera-se que os autores não só tomem o mundo real por pano de fundo de sua história, como ainda intervenham constantemente para informar aos leitores os vários aspectos do mundo real que eles talvez desconheçam.” (2009, p. 100). Nas representações que faz da realidade, Rosa, pelo conhecimento que possui sobre o “sertão”, apresenta várias informações sobre o espaço. Nas palavras do autor, algumas características do ambiente *veredas* são:

Saem dos mesmos brejos — buritizais enormes. Por lá, sucúri geme.[...] Com medo de mãe-cobra, se vê muito bicho retardar ponderado, paz de hora de poder água beber, esses escondidos atrás das touceiras de buritirana. Mas o sassafrás dá mato, guardando o pôço; o que cheira um bom perfume. Jacaré grita, uma, duas, as três vezes, rouco roncado. Jacaré choca — olhalhão, crespido do lamal, feio mirando na gente. Eh, ele sabe se engordar. Nas lagoas aonde nem um de asas não pousa, por causa de fome de jacaré e da piranha serrafina. Ou outra — lagoa que nem não abre o olho, de tanto junco. Daí longe em longe, os brejos vão virando

³Boaventura, ao mencionar as veredas, menciona: “As veredas típicas são vales rasos, com vertentes côncavas, arenosas de caimento pouco pronunciado e fundo preenchido por argilas hidromórficas. A palmeira buriti é também um de seus elementos característicos [...]. O escoamento é geralmente perene, notando-se, entretanto, nítida variação sazonal de vazão.” (BOAVENTURA, 1978, p. 13).

rios. Buritizal vem com eles, burití se segue, segue. Para trocar de bacia o senhor sobe, por ladeiras de beira-de-mesa, entra de bruto na chapada, chapadão que não se devolve mais. Água ali nenhuma não tem - só o que o senhor leva. (ROSA, 2001a., p. 47-48)

Grande sertão: veredas é um romance sob a forma de uma longa narrativa oral, o que confere ao texto um tom de conversa informal; um monólogo, sem prólogo, capítulos ou divisões internas.

A obra começa sem algum tipo de introdução, ou seja, *in media res*. Para Aguiar e Silva, isso acontece quando: “[...] o começo do discurso corresponde a um momento já adiantado da diegese, obrigando tal técnica [...] a narrar *depois* do discurso o que acontecera *antes* na diegese.” (AGUIAR E SILVA, 2010, grifo do autor). Sendo assim, o romance inicia em plena ação: “— Nonada. Tiros que o senhor ouviu foram de briga de homem não, Deus esteja.” (ROSA, 2001a., p. 23). O travessão que inicia a fala de Riobaldo sugere a existência de uma pergunta anterior, que nunca será revelada. Por tratar-se de um diálogo, a história é contada a um interlocutor de fora, tratado por “Senhor”, cujas falas serão apenas sugeridas, tornando a nós próprios, leitores reais, os interlocutores efetivos, com os quais dialoga Riobaldo. “O senhor aprova?” (p. 26), “O senhor não acha?” (p. 41).

Com relação ao ponto de vista linguístico,

[...] a estrutura dramática de *Grande sertão: veredas* resulta do diálogo que se estabelece entre Riobaldo e o interlocutor. Durante o desenrolar da leitura, percebe-se que esta situação dialógica é forjada artificialmente por um recurso que reduz o diálogo à fala de um único personagem, o qual não permite a interrupção do seu discurso, nem a intromissão da fala do interlocutor no texto. Desse modo, a situação dialógica que abre a narrativa é reduzida a um monólogo que preserva, contudo, as características do diálogo forjado inicialmente. (HOISEL, 1991, p. 479)

Por ser um monólogo de caráter memorialista, uma tentativa de resgate, pela memória, de uma época afastada, Beth Brait nos afirma que esse fato

[...] implica, no plano da narrativa, distribuição caótica das seqüências, coordenadas pelo ritmo fragmentário e caótico da memória. Dessa forma, a linguagem assume, para o narrador, um poder mágico. Falar a própria vida representa, simultaneamente, a única possibilidade de decifrá-la [...] e também a única possibilidade de resgate de culpas e de absolvição, à semelhança de uma confissão pública. (1982, p. 48)

Em trechos do romance, o próprio Riobaldo expressa que “Contar é muito, muito dificultoso. Não pelos anos que já se passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas – de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. O que falei foi exato? Foi. Mas teria sido? Agora, acho que nem não.” (ROSA, 2001a., p. 200). Demonstra, assim, que fazer um balanço de pontos positivos e negativos de sua vida exige um grande esforço e, muitas vezes, o leva a incertezas quanto a decisões tomadas como certas no passado.

O romance trata de uma situação verossímil, em que Riobaldo, fazendeiro e ex-jagunço do norte de Minas Gerais, relata estranhos casos que presenciou e viveu, entre o amor e a guerra: “Conto o que fui e vi, no levantar do dia. Aurora.” (ROSA, 2001a., p. 623). São histórias de vingança e perseguição, na luta pelo sertão de Minas, de Goiás e do sul da Bahia, e que ao longo dos anos o levava a reflexões das dúvidas e angústias que lhe assolam a existência. “Viver é muito perigoso.” (p. 32). “Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa.” (p.115)

Além disso, o personagem relata histórias de amor que fizeram parte de sua vida durante a jornada pelo sertão. A figura central desse eixo é Diadorim (Reinaldo), companheiro de lutas por quem sente um amor inaceitável, um sentimento que vai gerar permanente conflito na vida do jagunço. “Era ele estar perto de mim, e nada me faltava. Era ele fechar a cara e estar tristonho, e eu perdia meu sossego. Era ele estar por longe, e eu só nele pensava. E eu mesmo não entendia então o que aquilo era? Sei que sim. Mas não. Eu mesmo entender não queria.” (p. 162-163). No relato de Riobaldo, verificamos, conforme relata Caldas (ano 1, p. 34), a grande inquietação do protagonista em relação a sua vida, à dificuldade em compreender as situações que lhe cruzavam o caminho, ignorância que remonta à sua própria origem – a indefinida paternidade, só posteriormente revelada: “Não me envergonho, por ser de escuro nascimento. Órfão de conhecença e de papéis legais, é o que a gente vê mais, nestes sertões.” (ROSA, 2001a., p. 57).

Durante a “contação” de suas histórias, percebemos que “o poder corrosivo do tempo passado confunde os acontecimentos na mente do narrador, impedindo-o de separar o falso do verdadeiro, o vivido do imaginado.” (BRAIT, 1982, p. 48). O fiador da verossimilhança do romance é o interlocutor oculto, um personagem do universo urbano, doutor, a quem Riobaldo narra as suas aventuras de jagunço. Ele será o responsável pela transcrição da história: “Campos do Tamanduá-tão — o senhor aí escreva: vinte páginas [...]. Nos campos do Tamanduá-tão. Foi grande batalha.” (ROSA, 2001a., p. 562).

Ao publicar *Grande sertão: veredas*, Guimarães Rosa mescla realidade e ficção e “supera a tradição literária do regionalismo, marcada pelo naturalismo, cuja representação é baseada na observação (empírica e documental) e na descrição de

personagens, atos e espaços que, como cópia fotográfica, parecem estáticos e até mesmo, natureza morta.” (LEONEL, 2008, p. 14).

O sertanejo é um homem atemporal e universal, que enfrenta dúvidas de ordem filosófica; não é um homem que vive condicionado em uma determinada região. Ele representa não somente os conflitos regionais, mas também os conflitos eternos do homem.

Com essa nova dimensão ao regionalismo, Eleonora S. Rosa (2007, p. 7) nos diz que Guimarães Rosa

[...] recupera o real e o associa ao texto literário, mas, de maneira marcante, manifestando a oralidade de seu estilo e encontrando no despojamento da fala das personagens o veículo das expressões que caracterizam o regionalismo do sertanejo que, em meio à recriação do real, faz emergir as credices, a ficção repetida como elemento do dia-a-dia, eliminando, dessa forma, a tênue linha entre o acontecido e o inventado. A repetição do inventado torna-se, então, a verdade, o real, o visto com os próprios olhos.

Essas novas características que o regionalismo adquiriu, pelas palavras de Guimarães Rosa, modificaram a ficção brasileira a tal ponto que, conforme registra Antonio Cândido, em *Literatura e subdesenvolvimento*, “levaram os traços antes pitorescos a se descarnarem e adquirirem universalidade”. E o autor classifica essa tendência regionalista como *super-regionalista*, pois “carrega uma dose importante de ingredientes regionais [...]” que “[...] constituem a atuação estilizada das condições dramáticas peculiares a ele, interferindo na seleção dos temas e dos assuntos, bem como na própria elaboração da linguagem”. É o que representa, “[...] no Brasil, a obra revolucionária de Guimarães Rosa, solidamente plantada no que poderia chamar de a universalidade da região” (2000, p. 161- grifo do autor).

Dessa forma, na prosa de Guimarães Rosa há a reelaboração da linguagem literária brasileira, pelo emprego de expressões coloquiais e regionais, pela recuperação do sentido etimológico de algumas palavras, assim como pelo uso dos neologismos, aqui exemplificados por: “Nonada” (ROSA, 2001a., p. 23); “Essas coisas larguei, largaram de mim, na remotidão.” (p. 560). Com o poder encantatório das palavras pode-se

[...] revitalizar os recursos da expressão poética, tais como ritmo, rima, aliterações, cortes e deslocamentos de sintaxe, vocabulário insólito, erudito e arcaico, neologismos, a fim de captar e imortalizar os valores espirituais, humanos e culturais de um povo em transição, em transformação acelerada de uma estrutura agrícola para a urbanização industrial. (BRAIT, 1982, p. 103)

Na obra *Grande sertão: veredas*, o sertão de Guimarães Rosa não se restringe apenas aos limites geográficos brasileiros. Mesmo utilizado como matéria-prima, o espaço pode ser considerado como uma forma de aprendizado sobre a vida e a existência do homem e, mais especificamente, do sertanejo. “O sertão é do tamanho do mundo.” (ROSA, 2001a., p. 89). Maria Cecília Leonel nos afirma que:

Em Guimarães Rosa, o mundo do sertão não é visto de fora e de longe, tampouco, como objeto inanimado, como realidade fugaz e epidérmica. Ele é recriado e representado artisticamente como um complexo de relações sociais, de dramas humanos, de elementos do imaginário. A ação e a reação das personagens diante de situações criadas, cujos destinos e perspectivas inserem-se em realidades socialmente determinadas, abarcam componentes de universalidade, expressos em indivíduos singulares, vivenciando situações particulares. Nesse movimento de criação e representação, o sertão passa a ser o mundo. (2008, p.15)

Nas palavras do autor, constatamos esse aprendizado, no seguinte trecho de *Grande sertão: veredas*:

O senhor... Mire veja: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas — mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão. E, outra coisa: o diabo, é às brutas; mas Deus é traiçoeiro! Ah, uma beleza de traiçoeiro — dá gosto! A força dele, quando quer — moço! — me dá medo pavor! Deus vem vindo: quando ninguém não vê. Ele faz é na lei do mansinho — assim é o milagre. E Deus ataca bonito, se divertindo, se economiza. (ROSA, 2001a., p. 39)

Os aforismos também permeiam a narrativa de Guimarães Rosa, o que se pode comprovar nos seguintes exemplos: “Deus é paciência” (ROSA, 2001a., p. 33). “Deus existe mesmo quando não há. Mas o demônio não precisa existir para haver.” (p.76). “Eu sei: quem ama é sempre muito escravo, mas não obedece nunca de verdade...” (p. 568).

Outro aspecto que se destaca na linguagem utilizada por Rosa é o uso de provérbios e ditos populares. São elementos do linguajar cotidiano e sabedorias populares que enfatizam o regionalismo pelas falas e crenças populares. “Arre vai, o canoeiro cantou, feio, moda de copla que gente barranqueira usa: ‘...*Meu Rio de São Francisco, nessa maior turvação: vim te dar um gole d’água, mas pedir tua benção...*’ Aí, o desejado, arribamos na outra beira, a de lá” (ROSA, 2001a., p. 123). Ou então, “Noite essa, astúcia que tive uma sonhice: Diadorim passando por debaixo de um arco-íris. Ah, eu pudesse mesmo gostar dele — os gostares...” (p. 66). Essa passagem de *Grande sertão: veredas* refere-se à crença popular existente em Minas Gerais, onde se acredita que uma pessoa, ao passar debaixo de um arco-íris, troca de sexo.

Ainda com relação à linguagem, em Guimarães Rosa nos deparamos com dois aspectos que devem ser considerados: o metafísico, que relaciona a linguagem e a vida; e o filológico, que se refere à linguagem criada pelo autor. Rosa é considerado romancista da terceira geração modernista brasileira, composta também por Clarice Lispector e João Cabral de Melo Neto. O Modernismo influenciou o autor pelo uso da linguagem simples, pela valorização do folclore, enfim, pelo nacionalismo, fundamental nas obras de Mário de Andrade e Oswald de Andrade. Como afirma Coutinho, “Mário de Andrade desejava criar uma língua brasileira independente [...] como uma reação à tradição europeia que continuava ditando normas gramaticais absolutamente inaplicáveis à realidade brasileira.” (1991, p. 226). O regionalismo ganha importância, na segunda fase Modernista no Brasil (1930-1945), com destaque às relações do personagem com o meio natural e social, nas obras de Guimarães Rosa. Mas é na terceira fase modernista no Brasil (1945-1960) que o autor agrega ao regionalismo o caráter universal e também associa a oralidade às suas obras, por explorar problemas presentes na vida das pessoas e que inquietam a todos, como o significado da existência e as dimensões da realidade, temas que recuperam a tradição regionalista e, ao mesmo tempo, renovam-na. No romance *Grande sertão: veredas*, a indecisão de Riobaldo em relação ao pacto com o Diabo e seu amor por Diadorim são reflexões metafísicas presentes na narrativa.

Como podemos observar, a linguagem é “a verdadeira matéria de todos os textos roseanos. Ainda que calcada em aspectos do falar sertanejo, mistura-se à pesquisa erudita, aos arcaísmos, à exploração sonora, sintática e semântica do

português, conferindo ao regionalismo uma dimensão não encontrada em nenhum outro escritor brasileiro.” (BRAIT, 1982, p. 101).

O período histórico em que Rosa viveu, e que define a criação de *Grande sertão: veredas*, especialmente entre as décadas de 1930 e 1960, é a transição do Brasil de um país rural, agrícola, para urbano-industrial. Segundo Sergio A. Silva, “o sertão, do qual o escritor retirava sua matéria-prima, teve seu papel de centro dinâmico da sociedade e da economia brasileiras, ocupado pelas cidades, algumas logo convertidas em metrópoles.” (ano 1, p. 12).

A própria trama se desenvolve em meio às questões internas da vida dos jagunços, da busca de proteção do povo contra as ações governamentais e dos grandes proprietários de terras:

Mas, adiante, por aí arriba, ainda fazendeiro graúdo se reina mandador — todos donos de agregados valentes, turmas de cabras do trabuco e carabina escopetada! Domingos Touro, no Alambiques, Major Urbano na Macaçá, os Silva Salles na Crondeúba, no Vau-Vau dona Próspera Blaziana. Dona Adelaide no Campo-Redondo, Simão Avelino na Barra-da-Vaca, Mozar Vieira no São João do Canastrão, o Coronel Camucim nos Arcanjos, comarca de Rio Pardo; e tantos, tantos. (ROSA, 2001a., p. 127-128)

Esses grandes proprietários, também chamados de coronéis, avançam sobre as terras dos pequenos e médios proprietários e se utilizam, além de seus capatazes e seguranças, da força militar estatal, com a justificativa de ampliar a sua produção e propriedade. Segundo Kathrin H. Rosenfield,

a representação da guerra em *Grande Sertão: Veredas* evoca, sem dúvida, a problemática social e política do Brasil – o antagonismo extremamente tenso que opõe o poder individual e patriarcal dos coronéis a um poder central do Estado unificado acima dos interesses particulares de cada oligarquia. [...] mantém-se, no

entanto, à margem deste âmbito realista e sociocrítico, tocando apenas indiretamente nos problemas históricos do Brasil. (2006, p. 287-288)

Esses jagunços reunidos em bandos, e comandados por um líder que se impõe pela força e pela lealdade de boa parte do grupo, são suficientes para os embates com os tomadores de terra e as forças militares. Quando o líder é morto, outro chefe se credencia. Este também o faz pela força e muitas vezes é o responsável pela morte de seu antecessor. “Em jagunço com jagunço, o poder seco da pessoa é que vale... Muitos, ali, haviam de querer morrer por ser chefes [...]” (ROSA, 2001a., p. 97). “Ser chefe — por fora um pouquinho amarga; mas, por dentro, é rosinhas fôres.” (p. 100).

O contexto histórico em que Guimarães Rosa se tornou adulto foi no período entre guerras. Entre 1930 e 1945, os escritores brasileiros atuaram com questões geradas externamente ou internamente, levando a uma ficção regionalista; ou de sondagem social e psicológica (SILVA, ano 1, p. 13).

A revelação de Guimarães Rosa aconteceu na segunda metade dos anos 1940, quando passou a ser considerado “um autor que tiraria do regionalismo literário aspectos folclóricos e de mero registro de costumes locais, ampliando em muito os limites e o próprio conceito do sertanejo.” (SILVA, ano 1, p. 13).

O momento literário em que Guimarães Rosa escreveu o romance *Grande sertão: veredas* nos reporta a um regionalismo considerado de outra natureza: primeiramente, pela experimentação a que o narrador submete a linguagem, criando novas palavras, empregando uma sintaxe inusitada e a tudo isso agregando termos regionais; depois, porque a personagem regional — representada pelo jagunço —

abrange, além da problemática do seu espaço físico ou social, questões de natureza filosófica, eternas do homem, em qualquer tempo e lugar.

Na década de 1950, quando foi lançado, *Grande sertão: veredas* obteve um grande sucesso de crítica e livraria por seu linguajar, sua sintaxe e sua temática, um retrato do Brasil brasileiro. Na década seguinte, a obra conquistou cineastas de várias gerações pelo alto nível de experimentalismo e pela inventividade da linguagem. Além disso, o romance chamava a atenção pelo conjunto de conhecimentos geográficos que o autor demonstrava possuir, ao retratar o sertão mineiro em suas obras, característica que também pode ser observada no seguinte trecho do discurso de Guimarães Rosa como sócio titular da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro:

Desarmado da luz reveladora dos conhecimentos geográficos, e provido tão só da sua capacidade receptiva para a beleza, o artista vê a natureza aprisionada no campo punctiforme do momento presente. Falta-lhe saber da grande vida, evolvente, do conjunto. Escapa-lhe a majestosa magia dos movimentos milenários: o alargamento progressivo dos vales, e a suavização dos relêvos; o rejuvenescimento dos rios, que se aprofundam; na quadra das cheias, o enganoso fluir dos falsos braços, que são abandonados meândros; a rapina voraz e fatal dos rios que capturam outros rios, de outras bacias; o minucioso registro dos ciclos de erosão, gravado nas escarpas; as estradas dos ventos, pelos vales, se esgueirando nas gargantas das serranias; os pseudópodos da caatinga crase em caatinga? , invadindo, pouco a pouco, os «campos gerais», onde se destrói o arenito e onde vão morrendo, silentes, os buritís; e tudo o mais, enfim, que representa, numa câmara lentíssima, o estremunhar da paisagem, pelos séculos. (CUNHA & HEIDEMANN, 2010)

Nesse contexto, um outro ponto importante é a relação entre a literatura e o ambiente físico — que permite uma abordagem ecocrítica. Desta forma, objetivando

enfocar o sertão retratado no filme e no livro, é utilizado, como fonte de análise comparativa com o romance, o filme *Grande sertão* (1965), produzido e dirigido pelos cineastas Geraldo Santos Pereira e Renato Santos Pereira. Na época da realização do filme, os irmãos Santos Pereira procuraram centrar sua atenção na guerra interminável entre bandos de jagunços, determinados a exercer o controle sobre o sertão-mundo, buscando para o filme uma espécie de estética faroeste à brasileira. Os diretores abriram mão de explorar as complexas questões presentes na obra literária – os antagonismos entre o bem e o mal, Deus e o diabo, amor e ódio, medo e coragem – relacionadas à existência humana, distanciando-se da narrativa de Guimarães Rosa, em prol de um público formado por variadas faixas etárias, envolvendo-o com lutas e batalhas entre bandos de jagunços e também de milícias.

Podemos constatar que há uma forte relação com a guerra interminável entre os jagunços já na abertura do filme, com a epígrafe: “Sertão, o senhor sabe, é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado!” (GRANDE, 1965). Já, no livro, Riobaldo, ao iniciar a narração, protela o início da história, contando “causos” que vivenciou, durante sua jornada pelo sertão.

Na narrativa fílmica, a questão do coronelismo se enfatiza, na cena em que Riobaldo é contratado por Zé Bebelo, coronel dos Gerais, para dar aulas de alfabetização. Quando Riobaldo entra na casa da fazenda de Zé Bebelo, visualiza uma grande quantidade de armas sobre os livros que irá usar para ensinar o coronel. A imagem demonstra o distanciamento entre ser professor e quem, mesmo sem instrução, manda no sertão. E, durante a aula, Zé Bebelo expõe o seu principal

motivo de aprender a ler e escrever: limpar o sertão da jagunçada brava e ser deputado do sertão.

Grande sertão, com duração de 92 minutos, é um filme em preto e branco, considerado mais realista por gerações de cinéfilos, ainda que a própria realidade seja em cores. A esse respeito, Robert Stam, em *A literatura através do cinema: realismo, magia e a arte da adaptação*, registra que “o ponto-chave nessa discussão é que o realismo é, em si, um discurso, uma fabricação astuta que cria e remodela o que diz.” (STAM, 2008, p. 30).

Na recepção feita pelo público, de obras literárias adaptadas para o cinema, é comum ver-se como expectativa a suposta fidelidade em relação ao texto-fonte. Tal posição – pelo critério subjetivo da análise ou por não levar em conta as características específicas das duas linguagens – é considerada superada por estudiosos da área. Nas palavras de Robert Stam, no artigo *Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade*,

uma adaptação é automaticamente diferente e original devido à mudança do meio de comunicação. A passagem de um meio unicamente verbal como o romance para um meio multifacetado como o filme, que pode jogar não somente com palavras (escritas e faladas), mas ainda com música, efeitos sonoros e imagens fotográficas animadas, explica a pouca probabilidade de uma fidelidade literal, que eu sugeriria qualificar até mesmo de indesejável. (2006, p. 20)

Claus Clüver, por sua vez, no ensaio *Da transposição intersemiótica*, refere-se à busca por equivalentes de essência na transposição de linguagens de signos diferentes. Para estabelecer parâmetros teóricos para a tradução no campo da pintura, fundamenta-se, entre outros, nos postulados de Roman Jakobson, que propõe uma diferenciação entre as formas de interpretação de um signo verbal:

‘tradução intralingual’ ou ‘paráfrase’ de um texto dentro da mesma língua; ‘tradução interlingual’ ou recriação de um texto verbal em uma língua diferente; ‘tradução intersemiótica ou transmutação’, interpretação de signos verbais por meio de signos de sistemas de signos não-verbais” (2006, p. 112). A despeito das dificuldades na tradução, considera os ganhos espetaculares (p. 118).

Essas discussões são procedentes para a análise da transposição fílmica em questão. Uma das formas encontradas pelos irmãos Santos Pereira de mostrar a vinculação do filme ao romance – transposição intersemiótica – foi exibir na tela uma das capas do livro. Mesmo com essa indicação de proximidade da obra, os diretores, para transformar uma narrativa de mais de seiscentas páginas em um filme de noventa minutos, tiveram de suprimir, modificar e juntar inúmeras passagens. São mostradas imagens pelas quais muito da obra literária é revelado: do modo de vida dos sertanejos, como o carro de bois utilizado para o transporte; e do rio São Francisco, como via de comunicação.

Nesse processo, evidencia-se a interferência do contexto sócio-histórico-cultural no significado das imagens relacionadas à sexualidade dos personagens de Riobaldo e Diadorim. Na narrativa literária, o próprio Riobaldo não admitia ser possível sentir esse amor: “[...] de que jeito eu podia amar um homem, meu de natureza igual, macho em suas roupas e suas armas, espalhado rústico em suas ações?!” (ROSA, 2001a., p. 511).

Fato importante tanto na obra quanto no filme é a palavra “sertão”, que nos reporta diretamente para um ambiente em que o homem é hostilizado pelo meio em que vive, principalmente pela seca e pela miséria. O Cinema Novo retratava essa

realidade social da década de 1950, com a ajuda da Literatura Modernista Brasileira, em muitos filmes nessa época.

A paisagem do sertão que se exhibe no filme *Grande sertão* “difere [...] da terra ressequida exposta à exaustão pelo Cinema Novo, em cumprimento de seu projeto ideológico de denúncia da miséria e exclusão.” (OLIVEIRA, 2009). Nas imagens de abertura do *Grande sertão*, vemos uma paisagem exuberante, com *veredas* que, ao encontro de suas águas, formam rios e esses se juntam com as águas abundantes do rio São Francisco. É uma paisagem embelezada por viçosos buritis, povoada por homens destemidos que consideram a luta como o cumprimento de uma sina. O que podemos constatar é que o sertão do filme é tão exuberante quanto o do livro e que a lentidão das cenas enfatiza as imagens das belezas naturais do sertão de Minas Gerais.

Na fotografia de *Grande sertão* o ambiente que mais se destaca é a imensidão do rio São Francisco e a imensidão das *veredas*. No livro, essa abundância d’água é encontrada: “[...] nos Gerais longe: nuns lugares, encostando o ouvido no chão, se escuta barulho de fortes águas, que vão rolando debaixo da terra.” (Rosa, 2001a., p. 308).

O sertão também é mostrado na fotografia dos filmes *Vidas Secas*, do cineasta Nelson Pereira dos Santos, baseado na obra homônima de Graciliano Ramos, e de *Abril Despedaçado*, do diretor Walter Salles, baseado no livro homônimo do escritor albanês Ismail Kadaré. Ambos foram filmados na geografia desértica do sertão nordestino brasileiro, com imagens do espaço rural brasileiro, onde homens, mulheres e crianças partilham da mesma realidade física: a da seca e a da busca pela sobrevivência. Dentro dessa perspectiva, desde que o homem, de

alguma forma, tentou traduzir as relações homem-natureza, pode-se dizer que a arte literária e o meio ambiente caminham juntos.

A esse respeito, nos filmes *Vidas Secas* e *Abril Despedaçado*, a aridez do agreste e as secas do sertão estão mais presentes. Entretanto, há uma diferença: no primeiro, a imagem do sertão é mais real; no segundo, mais “enfeitada”, procurando embelezar a aridez do sertão, pelo tratamento dado à imagem, razão pela qual o filme é relacionado à “cosmética da fome”.

O que também se percebe nas imagens do sertão do filme *Grande sertão* é o distanciamento entre as fazendas e o isolamento delas, pelos redemoinhos que se formam em meio à paisagem do cerrado, gerando uma sensação de vazio e de aridez.

Em *Grande sertão: veredas*, ambientes de aridez surgem quando “as chuvas já estavam esquecidas, e o miôlo mal do sertão residia ali, era um sol em vazios. A gente progredia dumas poucas braçadas, e calcava o reafundão do areião — areia que escapulia, sem firmeza, puxando os cascos dos cavalos para trás.” (ROSA, 2001a., p. 65). Segundo Jorge Vital Moreira, na ficção regionalista, “a preocupação com a fidelidade ao *dado observável* torna-se relevante, principalmente em relação à paisagem e ao ambiente social.” (MOREIRA, 2010, grifo do autor). O modo de vida simples dos habitantes dos vilarejos, a poeira, as doenças, a pobreza e a seca acentuam as características regionais pertencentes ao cenário do filme, reforçando o ambiente social de miséria. Assim, na perspectiva ecocrítica, ou seja, na percepção do contexto social e ambiental que se faz através da literatura, a relação do homem com o espaço reflete na qualidade das relações sócio-ambientais da atualidade.

O ambiente social mostrado no filme é de guerra entre a milícia, os jagunços e os coronéis, e de miséria dos povos que habitam os vilarejos daquela região. Mas as invasões de terras dos pequenos proprietários por parte dos coronéis é o principal motivo dessa guerra. O bando de Joca Ramiro, no início do filme, é movido pelo sentimento de retomada das terras por parte dos verdadeiros donos.

Nesse sentido, outro filme que também retrata as tensões entre o homem e a natureza é *Deus e o diabo na terra do sol* (1963-1964), de Glauber Rocha. Analisando essa obra, deparamo-nos com as mesmas condições precárias de vida e de seca, no sertão, com a divisão de classes e com o coronelismo. Um bom exemplo disso ocorre na hora da partilha do gado, acerto de contas entre patrão e empregado. As regras impostas pelo coronel contribuíram para a sua morte. Segundo Ismail Xavier, “dentro desse quadro, a revolta do vaqueiro no confronto com o coronel resulta de uma acumulação de motivos perfeitamente explicáveis pela sua experiência dentro da realidade social em que vive.” (2007, p. 130). Além disso, o autor nos afirma que o vaqueiro “age movido pelo logro evidente e pela frustração de uma esperança bem definida: a compra de terras.” (p. 130). No filme *Grande sertão*, constatamos imagens das milícias recuando diante de tantos homens armados e à cavalo impondo suas próprias leis.

Com o filme *Deus e o diabo na terra do sol* (1963-1964), Glauber Rocha concretiza seu objetivo de “conscientizar o povo” e “de revelar os mecanismos de exploração do trabalho inerente à estrutura do país e a vontade de contribuir para a construção de uma cultura nacional-popular” (XAVIER, 2007, p. 15). Essa ideologia, revelada na estética seguida pelo diretor, é entendida por muitos como um

compromisso histórico com a transformação da sociedade pelas “linhas de força que se manifestavam no cinema, na música e no teatro” (p. 15).

Apesar da importância no que se refere ao resgate de uma das obras maiores da literatura brasileira, *Grande sertão* — a primeira adaptação para as telas do cinema de um texto roseano — ainda não foi remasterizado. No entanto, desencadeou uma maior aproximação das obras de Guimarães Rosa para outros sistemas de signos, principalmente para o cinema, o vídeo e a televisão: Roberto Santos dirigiu *A hora e a vez de Augusto Matraga*, lançado também em 1965; em 1973, Paulo Thiago filmou o longa-metragem *O duelo; Noites do sertão*, dirigido por Carlos Alberto Prates Correia, foi lançado em 1984; de grande sucesso foi a minissérie *Grande sertão: veredas* (1980), de Walter Avancini, da Rede Globo, mais recentemente, foi lançado o documentário *Rosas do sertão* (2003), dirigido por Ludmila Gonçalves, Mariana Belluzzi Ferreira, Helio Villela, Joana Garfunkel e Ana Paula Bruggione, que conta com depoimentos e casos do ex-vaqueiro e contador de histórias Dico Lobo e do comerciante José Osvaldo, o Brasinha; em breve, Fernando Meirelles adaptará para o cinema o romance *Grande sertão: veredas*. O próprio diretor afirma que será um trabalho árduo traduzir para a linguagem cinematográfica os textos de Rosa, ricos em poesia.

Em 1989, dentre homenagens e reconhecimentos prestados ao autor, é criado o Parque Nacional Grande Sertão Veredas, nome escolhido em homenagem ao romance homônimo, cujo cenário é retratado e recriado com o auxílio das anotações feitas por Rosa durante suas cavalgadas pelo sertão de Minas Gerais, na década de 1950. O espaço corria o risco de desaparecer com a chegada dos complexos agroindustriais nos cerrados, pois

o Sertão, especialmente o vale do São Francisco, formava anteriormente o eixo (relativamente) dinâmico, cabendo aos Gerais o “vazio” (também relativo) e o isolamento. Hoje, são os Gerais que ostentam o maior dinamismo econômico (e ao mesmo tempo as mais fortes contradições sociais), cabendo ao Sertão ao longo do São Francisco uma maior conservação da estrutura sócio-espacial. (HAESBAERT, p. 383)

Dessa forma, percebemos a importância da preservação do cenário, que estabelece um diálogo do Parque com a narrativa literária, pontuando o sertão no romance e na geografia.

2 AS VEREDAS DO PARQUE NACIONAL

2.1 PARQUE NACIONAL GRANDE SERTÃO VEREDAS



Figura 19- Veredas no Parque Nacional Grande Sertão Veredas

Neste capítulo, estabelecem-se relações de equivalência entre o texto (ficção) e o espaço real do Parque Nacional Grande Sertão Veredas por meio dos seguintes elementos: flora, fauna, relevo, bacias hidrográficas, rios e o modo de vida do sertanejo residente no Parque.

Essa transposição de imagens da realidade para a literatura reflete a abordagem da “Ecocrítica”, que enfatiza a representação da natureza nas obras literárias. Segundo Lawrence Buell, “a missão da ecocrítica é demonstrar a interdependência, nem sempre óbvia, entre a imaginação humana, em todas as suas formas, e o ambiente” (BUELL, citado em TEIXEIRA, 2011).

A literatura, com o romance *Grande sertão: veredas*, cumpre o seu papel social, retratando com detalhes a beleza cênica do bioma cerrado. A passagem de Rosa pela região, no início da década de 1950, foi o que proporcionou

[...] uma das mais importantes obras literárias brasileiras, o romance *Grande Sertão: Veredas*, que retrata com extrema sensibilidade a realidade regional, repleto de passagens que descrevem os locais, a relação do homem com a natureza e as características culturais, ainda hoje encontradas. As características culturais da população tradicional são a representação original da região, formadas dentro de um espaço ambiental distinto e, também, único. A união concreta e veemente destes aspectos culturais e ambientais, retratada com fidedignidade e excelência por Guimarães Rosa, deu origem ao nome do Parque, uma vez que sua área abriga claramente tais características. (IBAMA, 2003, p. 13-14)

Na época da criação do Parque, não havia nenhuma unidade de conservação que pudesse proteger os ecossistemas descritos na obra de Guimarães Rosa “na região de Gerais (sub-unidade do cerrado que abrange cerca de 13 milhões de hectares na margem esquerda do São Francisco, compreendendo o noroeste de Minas Gerais e o oeste da Bahia até o sul do Piauí)” (IBAMA, 2003, p. 12). A Região é assim identificada pelo protagonista: “Nos gerais. Ah, buriti cresce e merece é nos gerais.” (Rosa, 2001a., p. 173).

A região estava em risco, naquela época, como consequência da ocupação rápida e desordenada, gerada pelo asfaltamento da BR-020, que liga Brasília (DF) a Fortaleza (CE). Ainda havia a ocupação desenfreada dos *habitats* naturais, reflexo das atividades da agropecuária e da silvicultura, impulsionadas pelo baixo custo das terras (IBAMA, 2003, p. 12). Nesse contexto Greg Garrard, em *Ecocrítica* (2006), afirma que “os problemas ambientais requerem uma análise em termos culturais e científicos porque são o resultado da interação entre o conhecimento ecológico da

natureza e sua inflexão cultural”. (p. 29). Ou seja, para a realidade vivida hoje necessitamos que a percepção ambiental seja reavaliada e que esse processo de revisão se reflita nas ações do homem em relação à natureza.

Por ser uma região conhecida por suas riquezas naturais e culturais, os conservacionistas mineiros já estavam preocupados havia algum tempo em proteger o ecossistema, formado por veredas e chapadões do cerrado. Sugeriram a criação de um Parque Nacional, com o intuito de homenagear o escritor brasileiro, por tratar-se de cenário muito bem descrito na grande obra literária de Guimarães Rosa. Em 1989, proposta pela Fundação Pró-Natureza (FUNATURA), após estudos técnicos, a criação foi aprovada. No intuito de ver a natureza não de forma idealizada mas real e como elemento essencial à vida do ser humano, e o homem como parte da natureza, e não apenas como algo externo, a ecocrítica pretende trazer para os estudos literários a percepção de que uma vez destruída a natureza, o homem será igualmente destruído.

No atual processo de legislação ambiental que regulamenta a criação dos PARNAs, o Parque Grande Sertão Veredas, integrante dessa categoria de manejo, passa a ser considerado uma UC – Unidade de Conservação – que “corresponde à estratégia básica para a promoção da proteção da diversidade biológica” (ATLAS, 2004, p. 12).

A Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000, cria o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza – SNUC e, em seu Art. 11º, regulamenta o Parque Nacional, cujo objetivo básico é “[...] a preservação de ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica, possibilitando a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades de educação e

interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico.” (ATLAS, 2004, p. 24).

Embora os Parques Nacionais sejam áreas de conservação ambiental que devem ser protegidas, estão sujeitos a várias ameaças, como invasões, queimadas ou exploração de recursos naturais. Visando a uma maior proteção, o Decreto nº 97.658, de 12 de abril de 1989, cria, nos Estados da Bahia e de Minas Gerais, o Parque Nacional Grande Sertão Veredas, cujos limites foram ampliados pelo Decreto s/nº, de 21 de maio de 2003. Com isso, o Parque passou a ter uma área total de 230.714 hectares, especificamente “entre os municípios de Chapada Gaúcha, Formoso, São Francisco e Arinos, no noroeste do Estado de Minas Gerais e sudoeste da Bahia” (ATLAS, 2004, p. 78). No mesmo *Atlas*, o Parque Nacional Grande Sertão Veredas é assim caracterizado: “[...] situa-se no bioma do Cerrado, em área de transição com a Caatinga. Assim, as fisionomias se misturam, podendo ser encontrados todos os tipos de Cerrado e fisionomias, como o Carrasco, vegetação de transição entre o Cerrado e a Caatinga, caracterizado por ser extremamente fechado e com plantas de porte arbustivo.” (ATLAS, 2004, p. 78-81).

2.1.1 Infraestrutura

Este subitem baseia-se na entrevista com o Sr. Samuel, apelidado de “seu Samu”. Morador residente no Parque desde antes da sua implantação, ele relata que, depois da sua demarcação, foi proibida a criação de gado e o cultivo de roça, tornando muito difícil a vida.

Os moradores da região do Parque viviam da criação de gado e também de roças de subsistência, como a mandioca, antes da implantação do Parque Nacional

Grande Sertão Veredas. Atualmente, vivem da aposentadoria e da compra de mantimentos na cidade, existindo apenas a criação de galinha e de porcos, para consumo próprio.



Figura 20- Criação de porcos

Com relação aos sistemas de energia elétrica, abastecimento de água e de transporte coletivo do município, esses nunca atenderam aos moradores da região do Parque, que continuam sem esses serviços até hoje. A iluminação sempre foi proveniente de lamparinas, geralmente abastecidas por querosene. Para se deslocarem para outras comunidades, necessitam de animais de montaria, principalmente equídeos, e, em alguns casos, utilizam o carro de boi, embora este seja mais usado no transporte da produção, ou transporte particular, fretado na cidade. O carro-de-bois é mencionado na seguinte passagem da obra *Grande sertão: veredas*:

Mas, por entre as árvores, se podia ver um carro-de-bois parado, os bois que mastigavam com escassa baba, indicando vinda de grandes distâncias [...] Ao que, mais, no carro-de-bois, levam muitos dias, para vencer o que em horas o senhor em seu jipe resolve. Até hoje é assim, por borco. (ROSA, 2001a., p. 118)

“Seu Samu” confirma que, quando utilizava o carro de boi, levava de 15 a 20 dias para chegar a Januária, na chapada — o principal centro cultural e econômico da região. Ele, ainda hoje, utiliza o cavalo, levando em média oito horas para fazer compras na Chapada Gaúcha, cidade mais próxima. Atualmente, quando freta automóvel, em poucas horas desloca-se até a cidade.



Figura 21- Carro de bois

A falta de água para alimentação, lavagem de roupas e de louças, para banho e para beber sempre foi suprida pela existência de extensas veredas, verdadeiros mananciais de água em todo o Parque, os quais foram responsáveis pela instalação das famílias em suas margens, dando origem à formação das comunidades na região.

Atualmente, o Parque não possui infraestrutura para visitação pública, dispondo apenas de alguns mirantes, aos quais o acesso depende do acompanhamento de um guia, com autorização prévia do chefe do Parque.

Dentre os municípios que possuem área dentro do Parque, Chapada Gaúcha (MG) é o mais próximo, distando apenas três quilômetros do limite sudeste. Em Chapada Gaúcha também está o escritório do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBIO), responsável pela administração do Parque.

Como podemos constatar, a condição rude do modo de vida do sertanejo mineiro persiste para quem ainda reside na Unidade de Conservação. Aguardam-se os procedimentos legais de desapropriação, em fase de conclusão.

2.2 CERRADO

O cerrado é o segundo maior bioma brasileiro e abrange oito Estados do Brasil Central. Entre eles, três estão relacionados na obra de Guimarães Rosa: Minas Gerais, Bahia e Goiás.⁴ Para conhecer esses locais, “é preciso de se saber os trechos de se descer para Goiás: em debruçar para Goiás, o chapadão por lá vai terminando, despenha. Tem quebra-cangalhas e ladeiras terríveis vermelhas.” (ROSA, 2001a., p. 73). “E o caminho nosso era retornar por essas gerais de Goiás — como lá alguns falam. O retornar para estes *gerais* de Minas Gerais.” (p. 546). Neste sentido, os “Gerais” era o sinônimo antigo para o Cerrado, pois “Gerais” corresponde à junção de gêneros como matos, campos e várzeas, que fazem parte da diversidade do cerrado.

⁴ Fonte: Projeto de Monitoramento do desmatamento dos Biomas brasileiros por satélite (SBF/MMA e CSR/IBAMA).

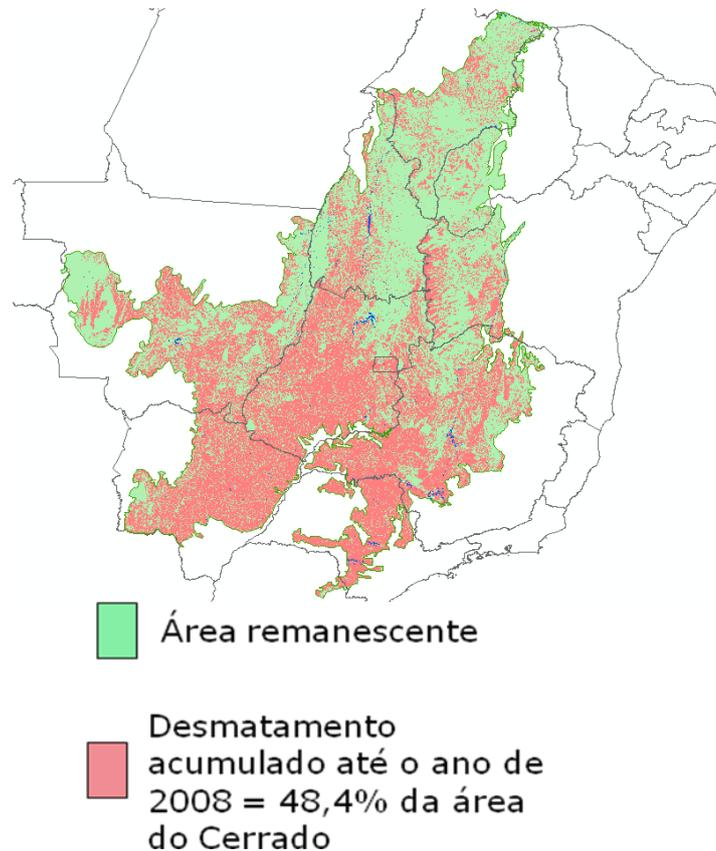


Figura 22- Mapa do desmatamento do Cerrado

A biodiversidade do cerrado é elevada. Existe uma grande diversidade de *habitats* e alternância de espécies, que se encontram em risco de extinção como reflexo do desmatamento desenfreado que vem ocorrendo já há algum tempo (o índice acumulado, até o ano de 2008, é de 48,4%). A região tem sofrido continuamente nas últimas décadas, já que grandes áreas se transformam rapidamente em pastagens e monoculturas, ou até mesmo a vegetação continua a ser extraída para produção de carvão.



Figura 23- Máquina agrícola



Figura 24- Plantação de soja⁵

O Projeto de Assentamento e Desenvolvimento da Serra das Araras – PDSA, realizado pela Ruralminas (Empresa de Terras do Estado de Minas Gerais), na década de 70, foi importante, possibilitando que migrantes gaúchos viessem do Rio Grande do Sul para colonizar a região propícia ao cultivo de grãos. A ocupação do solo era feita pela pecuária extensiva e pela agricultura de subsistência. Depois da ocupação pelos colonos gaúchos, destaca-se a agropecuária, principalmente a soja (IBAMA, 2003, p. 40). Atualmente, esse desenvolvimento gerado na região pelos colonos gaúchos, com tradição na expansão da fronteira agrícola, tem contribuído para a degradação do ambiente natural do Parque.

Na visita ao Parque Nacional Grande Sertão Veredas, percebemos que a preservação do local está ameaçada. Seu entorno é circundado por diversas fazendas de monocultura de soja, que, direta ou indiretamente, interferem no equilíbrio ecológico. Um dos problemas é causado quando os agricultores utilizam os agrotóxicos nas lavouras; o vento leva o veneno para dentro do Parque, trazendo

⁵ Plantação de soja ao lado do Parque Nacional Grande Sertão Veredas.

sérios prejuízos à flora e à fauna, além do problema dos animais, que se deslocam para se alimentarem das plantações ao redor e ficam contaminados.

2.2.1 Bacias hidrográficas e rios

O bioma cerrado é cortado por três das maiores bacias hidrográficas da América do Sul, o que propicia uma grande biodiversidade de plantas e animais. “Para trocar de bacia o senhor sobe, por ladeiras de beira-de-mesa, entra de bruto na chapada, chapadão que não se devolve mais.” (ROSA, 2001a., p. 47). Importantes rios cortam o cerrado, entre eles o São Francisco, bastante citado na obra: “Rio é só o São Francisco, o Rio do Chico. O resto pequeno é *vereda*. E algum ribeirão.” (p. 90). O rio São Francisco representa, por seu tamanho e volume d’água, uma imensidão no sertão: “O Rio de São Francisco – que de tão grande se comparece – parece é um pau grosso, em pé, enorme...” (p. 624). O sertão é rico em quantidade de rios⁶, cujos exemplos são inúmeros: “Só *Preto*, já molhei mão nuns dez. *Verde*, uns dez. Do *Pacarí*, uns cinco. Da *Ponte*, muitos. Do *Boi*. Ou da *Vaca*, também. E uns sete por nome de *Formoso*. *São Pedro*, *Tamboril*, *Santa Catarina*, uma porção. O sertão é do tamanho do mundo.” (p. 89). Segundo Alan Viggiano, no *Itinerário de Riobaldo Tartarana*, “todos os rios, vilas, serras, caminhos e veredas são localizáveis [...]. Mas é aos rios que o roteiro de Riobaldo está sempre ligado. O São Francisco é o maior de todos, é o ponto de referência.” (VIGGIANO in SECCHIN, 2007, p. 88). Nesse sentido, o rio São Francisco, mesmo tendo existência real, é também localizado ficcionalmente no itinerário de *Grande Sertão: Veredas*.

⁶Alguns outros cursos d’água a obra os considera como ribeirões: “Pequeno rio” (GIOVANNETTI, 1996, p. 187), córregos, brejos ou mesmo *veredas*. O brejo é definido por Guerra (1980, p. 63) como “terreno plano, encharcado, que aparece nas regiões de cabeceira ou em zonas de transbordamento de rios”.

2.2.2 Relevo

O relevo do norte de Minas é bastante acidentado, com algumas áreas planas. “Esses Gerais em serras planas, beleza por ser tudo tão grande, repondo a gente pequenino.” (ROSA, 2001a., p. 332). Apresenta chapadas⁷, estende-se por imensos chapadões, tabuleiros⁸, serras, cachoeiras⁹ entre outros.

A existência de tabuleiros é assim descrita em *Grande sertão: veredas*: “[...] ocupa é desde a Vereda-da-Vaca-Preta até o Córrego Catolé, cá em baixo, e de em desde a nascerença do Peruassú até o rio Cochá, que tira da Várzea da Ema. Depois dos cerradões das mangabeiras...” (ROSA, 2001a., p. 50).

Rosa relata o conhecimento do próprio sertanejo do norte de Minas para descrever os aspectos geográficos do cenário do romance: “[...] cachoeira é barranco de chão, e água se caindo por ele, retombando [...]” (ROSA, 2001a., p. 26). A natureza, como podemos observar, em *Grande sertão: veredas*, está sempre presente, podendo ser ora propícia e dadivosa, “Olhe: o rio Carinhanha é preto, o Paracatú moreno; meu em belo, é o Urucúia — paz das águas...É vida!” (p. 43), ora malévola e assustadora: “[...] o *Liso* do Sussuarão?— era um feio mundo, por si, exagerado. O chão sem se vestir, que quase sem seus tufos de capim seco em apraz e apraz, e que se ia e ia, até não-onde a vista não se achava e se perdia.” (p. 524).

⁷Chapada - “denominação usada no Brasil para as grandes superfícies, por vezes horizontais, e a mais de 600 metros de altitude que aparecem na região Centro-Oeste do Brasil [...]” (GUERRA, 1980, p. 90).

⁸Tabuleiro - “forma topográfica de terreno que se assemelha a planaltos, terminando geralmente em forma abrupta” (GUERRA, 1980, p. 404).

⁹Cachoeira - “queda d’água no curso de um rio, ocasionada pela existência de um degrau no perfil longitudinal do mesmo [...]” (GUERRA, 1980, p. 64).

2.2.3 Flora e fauna

Quanto à formação vegetal, a obra é bastante variada, porque são citados buritis altos, gameleira, pequizeiro, marmeleiro, mangaba, entre outros. A formação do buriti é explicada da seguinte forma: “[...] o buriti é das margens, ele cai seus cocos na vereda – as águas levam – em beiras, o coquinho as águas mesmas replantam; daí o buritizal, de um lado e do outro se alinhando, acompanhando, que nem que por um cálculo.” (ROSA, 2001a., p. 393).



Figura 25- Buritizal

A imagem do buritizal aproxima-se muito da paisagem transcrita na obra, evidenciando o acurado aspecto descritivo do romance, característica que, aliás, justifica a criação do Parque em homenagem a *Grande sertão: veredas*.

Observando a imagem em comparação com a passagem do romance, comprovamos a presença da realidade viva e concreta como ponto de partida para a ficção: a presença dos bichos, das pessoas e de suas superstições. Para Ziani (ano 1, p. 61), “Guimarães Rosa é um escritor que consegue envolver os leitores a tal ponto que não é difícil encontrá-los pelos caminhos do sertão, seguindo as pegadas

ficcionalis sugeridas na obra”. Retomando um trecho da obra, de fato é possível verificar como é promovida a identificação entre o interlocutor de Riobaldo e os leitores, já que o convite do narrador parece seduzir a ambos: “O senhor vá lá, verá. Os lugares sempre estão aí em si, para confirmar.” (ROSA, 2001a., p. 43).

A partir da análise do narrador Riobaldo, Kathrin H. Rosenfield afirma:

O leitor/ouvinte está literalmente presente dentro do romance. Na figura do “Senhor” faz-se presente um dos pólos da interlocução e do diálogo, isto é, a capacidade não apenas de compreender a anedota, mas também, além do enredo fatural, o enredamento significativo que a disposição dos elementos (sons, letras, palavras, imagens, etc.) permite construir no contexto da experiência alheia. (2008, p. 25)

Como podemos observar, a relação da natureza, nas obras Roseanas, não é, simplesmente, com o cenário. Beth Brait nos diz que ela “é um agente ativo, participante, diretamente ligado aos destinos do homem, contribuindo, dessa forma, decisivamente, para a intensa plasticidade da linguagem e para a visão de mundo [...]” (1982, p. 103).

A natureza pode, ao mesmo tempo, ser exterior e interior, externalizando-se em formas animais e vegetais, e internalizando-se com os mitos. Para Benedito Nunes, “sobre eles [animais e vegetais] o narrador faz cair seu duplo olhar de naturalista e de poeta. Não há árvore que seja tão só um ente botânico nem animal que seja tão só um ente zoológico. Como naturalista, descreve-o, e como poeta lhe penetra o modo de ser.” (2007, p. 19). Nas descrições alongadas e ricas em detalhes, Rosa representa animais e vegetais.

Em alguns contos, Rosa apresenta os animais como protagonistas, como é o caso do conto *O burrinho pedrês*, em que “um burro salva a vida de três vaqueiros bêbados surpreendidos por uma enchente e se torna herói de uma narrativa

entremeada por ‘causos’ de animais, como o do touro Calundu – em seu embate com uma onça – e um onírico estouro de boiada” (BORYSOW, ano 1, p. 45). Como vemos, a descrição e a quase personificação da natureza é o que provoca a ilusão da verdade nos textos do autor, pois, para Guimarães Rosa, os animais e a própria natureza têm papéis próprios no plano da narrativa.

Os animais e vegetais fazem parte dos momentos dramáticos do relato da vida de Riobaldo, como hesitações, expectativas, conflitos, presentes, principalmente, nas relações dele com Diadorim e com o bando de jagunços.

Para Vitor Borysow (ano 1, p. 46), a obra *Grande sertão: veredas* enfatiza as belezas naturais do sertão mineiro pela personagem Diadorim, que guia o olhar do narrador Riobaldo para a apreciação estética do mundo, ao descrever a beleza dos animais: “Até aquela ocasião, eu nunca tinha ouvido de se dizer de se para apreciando, por prazer de enfeite, a vida mera deles pássaros, em seu começar e descomeçar dos vôos e pousoação.”

E Guimarães Rosa, como o grande contista do sertão, escolhe o timbre dos nomes populares dos passarinhos, como os periquitinhos de “guinchos timpânicos”, devido às suas andanças pelo sertão, acompanhando comitivas de bois e boiadeiros, bem como anotando em suas cadernetas os voos e desvoos dos pássaros, dos gorjeios que clareiam e escurecem, de “toda árvore, toda planta.” (FARIA, 2007, p. 50), da palavra silenciosa dos rios, enfim, do corpo de baile da natureza.

Muito deleitável. Claráguas, fontes, sombreado e sol. Fazenda Boi-Preto, dum Eleutério Lopes — mais antes do Campo-Azulado, rumo a rumo com o Queimadão. Aí foi em fevereiro ou janeiro, no tempo do pendão do milho. Trêsmente: que com o capitão-do-campo de prateadas pontas, viçoso no cerrado; o aniz enfeitando suas

môitas; e com florzinhas as dejaniras. Aquele capim-marmelada é muito resistível, redobra logo na brotação, tão verde-mar, filho do menor chuvisco. De qualquer pano de mato, de de-entre quase cada encostar de duas folhas, saíam em giro as todas as cores de borboletas, que em outras partes é trivial regular — cá cresce, vira muito maior, e com mais brilho, se sabe; acho que é do seco ar, do limpo, desta luz enorme. Beiras nascentes do Urucúia, ali o poví canta altinho. E tinha o xenxém, que tintipiava de manhã no reворêdo, o sací-do-brejo, a doidinha, a gangorrinha, o tempo-quente, a rola-vaqueira... e o bem-te-vi que dizia, e araras enrouquecidas. (ROSA, 2001a., p. 43)

Sobre a transformação da realidade para a ficção, nas obras roseanas, Beth Brait afirma que “os jagunços, os agregados, as crianças, os fazendeiros, os loucos, os cantadores, os doentes endêmicos e mesmo os animais são entidades que a capacidade criadora de Guimarães Rosa transforma em concretizações da sensibilidade, da consciência pré-lógica e da rica cultura popular.” (1982, p. 102).

Em viagem pelo sertão, nas andanças da travessia do jagunço Riobaldo e em solo trilhado pelo próprio Guimarães Rosa, buscando locais retratados em suas obras, encontramos algumas dessas áreas de “Árvores branquiçadas, traiçoeiramente. A gente amassa com a barriga espinhos e gravetos, é preciso de saber quando é que é melhor se calcar no estepe firme com gosto — que é o que mais defende d’ele não se cravar” (ROSA, 2001a., p. 222), hoje, pertencentes ao Parque Nacional Grande Sertão Veredas. São trechos com uma grande variedade de gramíneas, arbustos e árvores esparsas que se assemelham à savana: “Formação vegetal característica das *regiões tropicais*, com predominância das herbáceas (gramíneas), em que também aparecem *arbustos* e árvores em pequenos *aglomerados* ou dispersos.” (GIOVANNETTI, 1996, p. 192; grifo do autor).

A fauna do cerrado, por ser bastante diversificada, possui inúmeras espécies: preá, cachorro-do-mato, queixada, macaco-prego, papa-moscas-do-campo, entre outras. Entre os variados tipos de pássaros citados na obra, estão “urubú, gavião, gaivota [...]: eles estão sempre no alto, apalpando ares com pendurado pé, com o olhar remedindo a alegria e as misérias todas...” (ROSA, 2001a., p. 590). No sertão, percebemos uma simbiose homem-natureza, em que sentimentos humanos se identificam com os aspectos da natureza: “Rio meu de amor é o Urucúia” (p. 89) e, também, com afetuosidade, ou seja, um tratamento carinhoso, contemplando o mundo natural: “o Rio do Chico” (p. 90).

O sertão, por ter essa grande variedade de espécies animais e vegetais, “não é o sertão nordestino retratado nos romances regionalistas. Trata-se do sertão mineiro, familiar ao escritor, marcado não pela aridez, mas pela abundância.” (CALDAS, 2009, p.33-37).

2.3 JAGUNÇOS/SERTANEJOS/VAQUEIROS

Ser chefe de jagunço era isso. Ser o que
 não dava realce – qualquer um
 podia, fazendeiro com posses, mão
 em políticas. O sertão tudo não
 aceita?
 (ROSA, 2001a., p. 503)

Verificamos que, principalmente no sertão de Urucúia, os povoados distam muitos quilômetros uns dos outros, assim como as inúmeras fazendas mencionadas na obra, caracterizando um vazio demográfico existente, na época, e que persiste até hoje. Esse distanciamento se refere ao isolamento e à solidão constatados nos seguintes trechos da obra: “Sertão: estes seus vazios.” (ROSA, 2001a., p. 47). Ou

então, “E marchei duas léguas. O mundo estava vazio. Boi e boi. Boi e boi e campo. Eu tocava seguindo por trilhos de vacas. Atravessei um ribeirão verde, com os umbuzeiros e ingazeiros debruçados – e ali era vau de gado. ‘Quanto mais ando, querendo pessoas, parece que entro mais no sozinho do vago...’” (p. 304).

Essas referências ao sertão nos mostram que não havia interação entre as fazendas, que, por serem muito grandes, permaneciam isoladas. A pecuária era a principal atividade econômica, pois, na obra, bois e cavalos sempre eram mencionados: “Vaqueiros? Ao antes – a um, ao Chapadão do Urucúia – aonde tanto boi berra... Ou o mais longe: vaqueiros do Brejo-Verde e do Córrego do Quebra-Quináu: cavalo deles conversa cochicho – que se diz – para dar sisado conselho ao cavaleiro, quando não tem mais ninguém perto, capaz de escutar.” (ROSA, 2001a., p. 47).

Dois tipos de vida estão bem demarcados no romance: “a vida nas fazendas e a vida no grupo de jagunços – grupo nômade, com suas leis próprias, seus padrões culturais, sua organização. Das fazendas, tem-se notícia aqui e ali, no curso da narrativa.” (DIAS, 1991, p. 399).

O que encontramos na obra são relatos de que as fazendas, muitas vezes, eram saqueadas para suprir as necessidades dos bandos, ou, quando não as invadiam, cobravam como impostos dos fazendeiros, algumas reses. Outra foi utilizada para o julgamento de Zé Bebelo, pois estava abandonada: “A casa-de-fazenda estava fechada. ‘— Não carece de se abrir... — Não carece de se abrir... —’ era uma ordem de que todos repetiam, de voz em voz. Ave não arrombassem, aquilo era de amigo, o doutor Mirabô de Melo, mesmo ausente.” (ROSA, 2001a., p. 274).

Muitas fazendas também serviam de pouso ou esconderijo para os jagunços durante os tiroteios e as batalhas pelo sertão: “Na janela, ali, tinham pendurado igualmente um daqueles couros de boi: bala dava, zaque-zaque, empurrando o couro, daí perdia a força e baldava no chão.” (ROSA, 2001a., p. 347). Na Fazenda dos Tucanos, a natureza maligna aparece para o bando todo dos jagunços, cercados dentro do casarão, pelos adversários Hermógenes e Ricardão, no momento em que começam a matar os cavalos postos no curral. Os animais são massacrados um a um, relincham de medo, entram em desespero e vão morrendo, causando um grande sofrimento nos seus donos.

Iam caindo, achatavam no chão, abrindo as mãos, só os queixos ou os topetes para cima, numa tremura. Iam caindo, quase todos, e todos; agora, os de tardar no morrer, rinchavam de dôr – o que era um gemido alto, roncado, de uns como se estivessem quase falando, de outros zunido estrito nos dentes, ou saído com custo, aquele rincho não respirava, o bicho largado as forças, vinha de apertos, de sufocados. (ROSA, 2001a., p. 356)

Noutra fazenda ficavam as munições: “Dando meias andadas, nós chegamos num ponto-verdadeiro, num Buriti-do-Zé. Dono de lá, Sebastião Vieira, tinha curral e casa. E guardava munição da gente: mais de dez mil tiros de bala.” (ROSA, 2001a., p. 73).

Temos ainda a Fazenda Santa Catarina, onde Riobaldo conheceu a sua futura noiva, Otacília. Essa fazenda possuía uma Natureza dadivosa. “A frente da fazenda, num tombado, respeitava para o espigão, para o céu. Entre os currais e o céu, tinha só um gramado limpo e uma restinga de cerrado, de donde descem borboletas brancas, que passam entre as réguas da cerca.” (ROSA, 2001a., p. 205).

Os jagunços são pessoas simples, corajosas e companheiras, que enfrentam todo tipo de dificuldade percorrendo o sertão: “[...] sertanejos tão sofridos. Jagunço é homem já meio desistido por si.” (ROSA, 2001a., p. 67). Uma vida com hábitos alimentares simples: “Se caçava [...] de de-comer não faltava, pescar peixe nas veredas...” (p. 43). “Matou-se capivara gorda, por fim.” (p. 71). Eles também compravam nas vendas da roça: “[...] licôr de banana e pequi, muito forte, geléia de mocotó, fumo bom, marmelada, toucinho” (p. 310) e outros gêneros de higiene, como o sabão de coco de macaúba, para limpeza do corpo. A alimentação era simples: “Bebi café, comi um naco de carne gorda, repassada na farinha, mastiguei um taco de rapadura.” (p. 594). Sentiam saudade “de uma comidinha guisada: um frango com quiabo e abóbora-d’água e caldo, um refogado de caruru com ofa de angu.” (p. 184).

O modo de vestir utilizado pelo sertanejo era o traje de gibão, roupa feita toda de couro:

[...] calções ou polainas de couro quase cru, cor de ferrugem, amarrados na cinta; por baixo ceroulas de algodão; sobre o peito uma pele de animal (muitas vezes de cabrito) presa atrás por quatro tiras; jaqueta de couro atirada num dos ombros; chapéu de couro, tipo usual de cangaceiro, baixo de abas curtas; chinelos ou sandálias de couro; esporas de ferro presas, muitas vezes, aos pés nus; chicote longo, espada metida em boldrié descendo da espádua e faca no cinto; na sela uma fazenda vermelha enrolada em manto contendo rede e muda de roupa (camisa e cuecão); duas sacolas (ou boroacas) dos lados da sela para levar farinha e carne assada, isqueiro de pedra, fumo e cachimbo sobressalente (o outro ia na boca) e pistola de longo cano descendo pela coxa esquerda. (DIEGUEZ, ano1, p. 48)

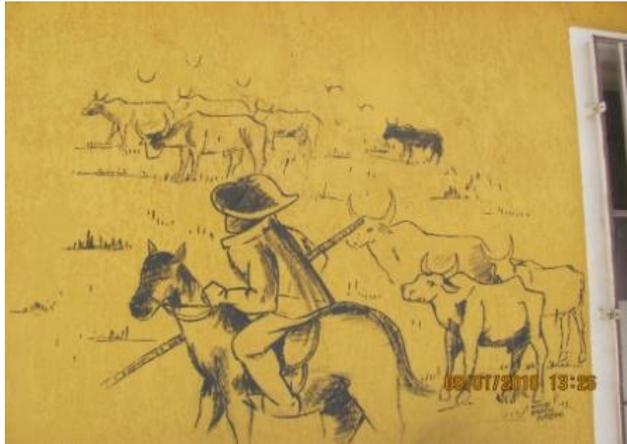


Figura 26- Vaqueiro¹⁰

O traje de gibão faz parte do ambiente do cotidiano do sertanejo, na função de vaqueiro, tangendo o gado. “Vaqueiros todos vaquejando.” (ROSA, 2001a., p. 89).

Riobaldo comenta que os costumes do boiadeiro sertanejo mudaram, pois se percebe que os vaqueiros “[...] duvidam de vir no comércio vestidos de roupa inteira de couro, acham que traje de gibão é feio e capiau.” (ROSA, 2001a., p. 42).

Os sertanejos, moradores do norte da região de Minas Gerais, são pessoas simples que dedicam a sua vida à agricultura familiar e ao extrativismo que o ecossistema permite. O poder sempre foi o de coronelato, com a força sendo representada por jagunços. Com o passar do tempo, a vida no local se tornou “árida”, devido às condições econômicas de submissão, mas a abundância ambiental faz com que a vida se torne menos sofrida.

Hoje, essas mesmas condições econômicas precárias se fazem presentes para os moradores que ainda residem no Parque Nacional Grande Sertão Veredas.

¹⁰ Gravura pintada na parede do restaurante Sarapalha, Cordisburgo (MG).

2.4 CULTURA

Na Chapada Gaúcha (MG), ocorre todo ano o “Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas”, realizado desde 2002, evento no qual são desenvolvidas diversas atividades, “[...] com o objetivo de sensibilizar os participantes para a preservação ambiental e cultural, promovendo a valorização e difusão dos conhecimentos tradicionais e as manifestações culturais das comunidades localizadas nas proximidades do Parque Nacional Grande Sertão Veredas.” (PREFEITURA MUNICIPAL DE CHAPADA GAÚCHA).

Com relação às características culturais e ambientais da região,

[...] o Parque possui um instrumento único que muito bem as descrevem. Trata-se do livro *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa, escritor que visitou a região na década de 50. Esta obra literária retrata com exatidão cenas do ambiente encontrado no Parque e na região dos gerais, onde a população tradicional expressa naturalmente suas características culturais endêmicas, sejam elas a gastronomia, os utensílios domésticos fabricados manualmente, a dança e a música, os tratamentos naturais com ervas locais, enfim, os saberes e fazeres, os costumes e dizeres. (IBAMA, 2003, p. 60)

Os nativos da região que vivem nas proximidades do Parque Grande Sertão Veredas representam a obra em suas manifestações culturais e falam dela com a mesma linguagem usada, por Guimarães Rosa para descrevê-los. São os protagonistas da obra, mesmo sem a ter lido.

A arquitetura das moradias construídas dentro do Parque também representa a cultura tradicional, e a construção é feita

[...] por meio do adobe, do chão de terra batida e da palha de buriti como telhado. Este estilo se encontra em sua forma original, principalmente, dentro do Parque, devido à preservação da área e, mesmo, à dificuldade de acesso dos moradores a outros materiais, uma vez que a construção de casas de alvenaria já é a principal em toda a zona de amortecimento. Podemos considerar este estilo arquitetônico como patrimônio cultural do Parque Nacional Grande Sertão Veredas. (IBAMA, 2003, p. 58)

Esse material utilizado é coletado no próprio meio físico-natural, e

[...] o buriti apresenta praticamente 100% de aproveitamento pelo homem: além de seu valor medicinal, suas palhas e caule são utilizados nas construções de casas, artesanato e objetos como vassouras e peneiras. O buriti é considerada a árvore mais representativa da região, devido aos valores mencionados e à beleza cênica que caracteriza a imagem das veredas e, logo, dos sertões. (IBAMA, 2003, p. 59)

A simbiose existente entre o meio físico e o sertanejo do norte de Minas Gerais reflete na maneira sustentada de utilizar o meio natural para sua sobrevivência: “[...] uma palmeira só me dá minha casa. Casinha que eu fiz, pequena — ô gente! — para o sereno remolhar.” (ROSA, 2001a., p. 451). Desse ambiente natural também são extraídos diversos recursos, que serão utilizados para a produção de alimentos.



Figura 27- Moradia do sertanejo



Figura 28- Moradia do sertanejo

Nas esferas municipal, estadual e federal, há uma preocupação com a preservação dos caminhos descritos por Guimarães Rosa, sendo essa a premissa principal para a criação do Parque Nacional Grande Sertão Veredas.

A relação entre a população tradicional e o ambiente deve ser considerada, nos estudos ambientais de preservação, conservação ou manejo da biodiversidade. A incorporação dos saberes locais é imprescindível para a orientação das políticas de gestão dos recursos naturais. Os costumes e dizeres, os saberes e fazeres fazem parte da riqueza cultural da região, bem como das relações entre a população do Parque e o Parque, culturalmente muito rico. Seus recursos deveriam ser utilizados e repassados de geração em geração. A retirada dos que ali residiam – que se estabeleceram no meio urbano ou no Assentamento Rural São Francisco – rompeu a reprodução e perpetuação dos seus costumes, pela falta ou redução do uso de matéria prima. O que não se sabe é se essas populações seriam ou não capazes de utilizar e ao mesmo tempo conservar tais recursos.

As políticas públicas de gestão ambiental deveriam levar em consideração o valor afetivo que o Parque possui para seus moradores, pois a retirada da área foi

muito sentida pelas populações locais. O conhecimento dos moradores deveria ser levado em consideração como um importante instrumento de manejo e conservação dos ecossistemas do cerrado.

Observa-se na região, a preocupação com a preservação dos recursos naturais e da identidade cultural, pela manutenção dos costumes, saberes e ofícios manifestados nas festas religiosas, em encontros ou reuniões. As Folias de Reis e do Divino, os festejos de São João, São Pedro e a Romaria de Santo Antônio são exemplos das festas tradicionais que acontecem anualmente na região do Grande Sertão Veredas. Conforme explicitado anteriormente, o intercâmbio cultural e a troca de experiência ocorrem no “Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas”. Além da mostra de artesanatos e comidas típicas da região, simultaneamente à programação cultural há uma programação ambiental com visitas às Unidades de Conservação do município, painéis de apresentação das riquezas naturais da região, mesas redondas e debates sobre as formas de proteção e valorização desses recursos. Esse encontro promove a articulação, o resgate e a manutenção de valores locais.

CONCLUSÃO

A identidade é um conceito amplamente discutido nos dias atuais. Analisando os estudos de Stuart Hall, verificamos que existe uma “crise de identidade”, em que o sujeito unificado e centrado está diante de uma mudança, a qual não tem mais uma identidade fixa, essencial ou permanente. Como sintetiza HALL, “a identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de *uma falta* de inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nos imaginamos ser vistos por *outros*” (2006, p. 39). O sujeito está diante de várias identidades em diferentes momentos que ocasionam transformações sociais em tempos indefinidos, decorrentes da multiplicação dos sistemas de significação e representação cultural. Essa mudança que está ocorrendo nos conceitos de identidade e de sujeito “está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade” (2006, p. 9), transformações em que o indivíduo desconhece seu lugar no mundo social e também cultural.

A globalização faz parte desse processo de mudança. Anthony McGrew (1992) explica que:

a “globalização” se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidades e em experiência, mais interconectado. (McGREW citado em HALL, 2006, p. 67)

Uma outra característica fundamental é a articulação da oposição global-local. O global se constitui com um caráter universal, enquanto o local representa a singularidade. “Em certa medida, o que está sendo discutido é a tensão entre o

'global' e o 'local' na transformação das identidades.” (HALL, 2006, p. 76). Observa-se um enfraquecimento das formas nacionais de identidades, porém “as identidades locais, regionais e comunitárias têm se tornado mais importantes.” (p. 73). Nas palavras do autor,

[...] a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, na medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p. 13).

Do reconhecimento da importância de Guimarães Rosa para Cordisburgo não se tem dúvidas. Basta circularmos pelas ruas e ruelas da cidade que nos deparamos com a obra de Rosa, seja nos nomes de ruas, de bairros, de bares, de restaurantes, entre outros; parece que tudo por lá tem a marca dele. Os moradores conhecem a obra dele não pelos livros, mas porque fazem parte do que ele conta.

Guimarães Rosa ficou famoso por divulgar o sertão de Minas Gerais, sua gente e sua rica cultura ao mundo. O que se percebe hoje é que o mundo vai ao mesmo sertão para conhecer personagens e ambientes descritos pelo escritor mineiro. Há mais de vinte anos, no mês de julho, a cidade se mobiliza para promover a Semana Roseana. Nessa época, Cordisburgo recebe a visita de admiradores da obra de Guimarães Rosa de diversos lugares do Brasil e de outros países. Seus personagens ganham forma através das narrações de textos apresentadas pelos Contadores de Estórias Miguilim e, também, das apresentações realizadas pelo grupo Caminho do Sertão durante a caminhada eco-literária, servindo de palco o

próprio cerrado mineiro. No entanto, durante o percurso, vários personagens das histórias do escritor surgem, sem ninguém saber de onde, e desaparecem.

Esse trabalho que a cidade natal de Rosa realiza em torno da obra de seu ilustre representante tem por objetivo despertar nas pessoas a importância da conservação do cerrado, das chapadas, das veredas e dos rios que fazem parte do cenário descrito em suas narrativas.

Chegar, por meio da literatura, a um Parque, em pleno sertão mineiro, cujo cenário faz parte de um romance, de uma história inventada, realmente é uma grande experiência, mesmo sabendo que a paisagem é, dentro de nós, enquadrada por nosso olhar particular, por mais coletiva que possa ser. Percebemos nitidamente que a geografia e a ficção se misturam e nos envolvem, a ponto de reconhecermos na geografia do cotidiano contemporâneo sertanejo a geografia da obra de Guimarães Rosa.

Este estudo evidenciou que as frentes de expansão agrícola altamente mecanizadas têm contribuído para a ocupação predatória da região do entorno do Parque Nacional Grande Sertão Veredas e que muitas áreas que ainda se encontram preservadas estão habitadas pelas populações que dependem da conservação de seus recursos para sua continuidade. Sabemos que há a necessidade de preservar não só a cultura, mas também os recursos naturais, pela utilização de modo sustentável.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR E SILVA, V. M. de. *Teoria da literatura*. Disponível em: http://www.ufrgs.br/proin/versao_1/aguiar/index27.html . Acesso em: 06 ago. 2010.
- ATLAS de Conservação da Natureza Brasileira. *Unidades Federais*. São Paulo: Metalivro, 2004.
- BIAGGI, E. *Cinema e vídeo na obra de Guimarães Rosa*. Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/19659/cinema-e-video-na-obra-de-guimaraes-rosa/pagina1.html>. Acesso em: 15 fev. 2010.
- BOAVENTURA, R. S. *Contribuição aos estudos sobre a evolução das veredas*. In: Encontro Nacional de Geógrafos, 3, 1978, Fortaleza. Comunicações. Fortaleza: [s. n.], 1978. p.13-17.
- BORYSOW, V. João e seus bichos. Revista *Discutindo literatura* (especial), São Paulo, n. 4, p. 44-46, ano 1.
- BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1980.
- BRASIL. LEI Nº 9.985 de 18 de julho de 2000. Cria o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza – SNUC. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF. 2000.
- _____. Decreto nº 97.658 de 12 de abril de 1989. Cria nos Estados da Bahia e de Minas Gerais o Parque Nacional Grande Sertão Veredas. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF. 1989.
- _____. Decreto de 21 de maio de 2004. Amplia os limites do Parque Nacional Grande Sertão Veredas, criado pelo Decreto nº 97.658. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF. 2004.
- BRAIT, B. *Guimarães Rosa*. São Paulo: Abril Educação, 1982.
- CALDAS, T. A. S. Dificultosa travessia. Revista *Discutindo literatura* (especial), São Paulo, n. 4, p. 33-37, ano 1.

CANDIDO, A. Literatura e subdesenvolvimento. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2000, p. 140-162.

_____. O Homem dos avessos. In: COUTINHO, E. F. (Org.). *Coleção Fortuna Crítica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. p. 295-309.

COELHO, N. N. & VERSIANI, I. *Guimarães Rosa: Dois estudos*. São Paulo: Quíron; Brasília: INL, 1975.

CUNHA, M. & HEIDEMANN, D. *Dossiê Guimarães Rosa*. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ea/v20n58/01.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2010.

COUTINHO, E. F. Guimarães Rosa e o processo de revitalização da língua. In: COUTINHO, A. *Guimarães Rosa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. p. 202-234.

CLÜVER, C. *Da transposição intersemiótica*. Poéticas do visível- ensaios sobre a escrita e a imagem. Belo Horizonte: UFMG, 2006. p. 107-166.

DIAS, F. C. Aspectos sociológicos de Grande sertão: veredas. In: COUTINHO, A. *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. p. 390-407.

DIEGUEZ, F. O aboio e a boiada. *Revista Discutindo literatura* (especial), São Paulo, n. 4, p. 47-49, ano 1.

ECO, U. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FARIA, M. L. G. De. Imagens do sertão rosiano. In: SECCHIN, Antonio Carlos. et al. (Orgs.). *Veredas no sertão rosiano*. Rio de Janeiro: 7letras, 2007. p. 50-72.

GARRARD, G. *Ecocrítica*. Trad. Vera Ribeiro. Brasília: Universidade de Brasília, 2006.

GIOVANNETTI, G. *Dicionário de Geografia*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1996.

GRANDE SERTÃO. Direção: Renato e Geraldo Santos Pereira. Produção: Companhia Cinematográfica Vera Cruz. Roteiro: Geraldo e Renato Santos Pereira. Rio de Janeiro: Vila Rica Cinematográfica LTDA, 1965. 1 DVD (92 min), DVD, som, preto-e-branco.

GRUTA DO MAQUINÉ. Cordisburgo, Minas Gerais: Fundação Maquinetur, [s.n], [20--].

GUERRA, A. T. *Dicionário geológico-geomorfológico*. Rio de Janeiro: IBGE, 1978.

HAESBAERT, R. “Gaúchos” e baianos no “novo” Nordeste: entre a globalização econômica e a reinvenção das identidades territoriais. In: Castro, I. E. de. et al. (Orgs.). *Brasil: Questões atuais da reorganização do território*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. p. 367-415.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOISEL, E. C. de S. Elementos dramáticos da estrutura de Grande sertão: veredas. In: COUTINHO, A. *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. p. 478-490.

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. *Plano de manejo do Parque Nacional Grande Sertão Veredas*. MMA. Brasília-DF. 2003.

LARA, M. *Guimarães Rosa – O homem que viu a alma do sertão*. Disponível em: http://www.uai.com.br/UAI/html/sessao_2/2008/12/14/em_noticia_print,id_sessao=2&id_n
Acesso em: 24 fev. 2010.

LEONEL, M. C. & SEGATTO, J. A. O regional e o universal em Guimarães Rosa. *Tessituras, interações, convergências*. XI Congresso Internacional da ABRALIC. 13 a 17 de julho de 2008. USP – São Paulo, Brasil.

LIMA, S. M. van Dijck. (Org.). *Ascendino Leite entrevista Guimarães Rosa*. João Pessoa: Universitária/ UFPB, 1997.

McGREW, A. Globalização. In: HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 67.

MOREIRA, J. V. *O regionalismo de Guimarães Rosa*. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/tres/jvidal3.htm>. Acesso em: 06 ago. 2010.

NUNES, B. Estudos gerais. In: SECCHIN, A. C. et al. (Orgs.). *Veredas no sertão rosiano*. Rio de Janeiro: 7letras, 2007. p. 19-28

OLIVEIRA, M. *Grande sertão: veredas — Do diálogo entre cinema e literatura*. Disponível em: http://www.abralic.org.br/cong2008/anaisonline/simposios/pdf/064/Marinyze_Oliveira.pdf
Acesso em: 01 dez. 2009.

PEREIRA, W. R. *Guimarães ao vivo*. Disponível em: <http://www.revistabrasileiros.com.br/edicoes/26/textos/716/>. Acesso em 24 fev. 2010.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CHAPADA GAÚCHA. *VIII Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas*. Disponível em: http://www.chapadagaucha.mg.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=102&Itemid=2. Acesso em: 25 mar. 2010.

ROSA, E. S. O quase indivisível das idéias e o vigor das palavras. In: SECCHIN, A. C. et al. (Orgs.). *Veredas no sertão rosiano*. Rio de Janeiro: 7letras, 2007. p. 7.

_____. J. G. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001a.

_____. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001b.

_____. No urubuquaquá, no pinhém. O Recado do Morro. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976, p. 5-70.

ROSENFELD, K. H. *Desenveredando Rosa*. A obra de J. G. Rosa e outros ensaios rosianos. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006.

_____. *Grande sertão: veredas - Roteiro de leitura*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2008.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: espaço e tempo: razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1999.

SECCHIN, A. C. et al. (Orgs.). *Veredas no sertão rosiano*. Rio de Janeiro: 7letras, 2007.

SILVA, S. A. Rosa e os espinhos. Revista *Discutindo literatura* (especial), São Paulo, n. 4, p.12-13, ano 1.

SOUSA, P. A. de. *Sertão, a forte palavra*. Disponível em: <http://www.revistabrasileiros.com.br/edicoes/8/textos/184>. Acesso em: 24 fev. 2010.

STAM, R. Introdução. In: _____. *A literatura através do cinema: realismo, magia e a arte da adaptação*. Trad. Marie-Anne Kremer e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 2008, p. 17-41.

_____. Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade. In: CORSEUIL, Anelise R. *Film Beyond Boundaries. Ilha do desterro*, nº 51. Florianópolis: UFSC, jul./ dez., 2006, p. 19-53.

TEIXEIRA, J. *Ecocrítica*. Disponível em: http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/estante/estante_263488.shtml. Acesso em: 26 jun. 2011.

VIGGIANO, A. Itinerário de Riobaldo Tartarana. In: SECCHIN, A. C. et al. (Orgs.). *Veredas no sertão rosiano*. Rio de Janeiro: 7letras, 2007.

XAVIER, I. *Sertão mar: Glauber Rocha e a estética da fome*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

ZIANI, B. Guimarães in loco. Revista *Discutindo literatura* (especial), São Paulo, n. 4, p. 61-63, ano 1.

ANEXO

Pronunciamento, publicado originalmente na Revista da Sociedade Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro (Tomo LIII, 1946, p.96-7),

“Grande é, agora, a minha satisfação, grande a distinção que me conferis, neste momento. Honra e alegria, indizíveis; porque, à falta de outros títulos, com dois dêles me reconheço, ao ser empossado no cargo de sócio titular desta agremiação: como velho admirador da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, e como velho amoroso da Geografia.

Admirador desvalioso e amoroso ignorante, certo; mas rico de entusiasmo e de sinceridade. E é assim que vos agradeço. Aos que propuzeram o meu nome, aos que aprovaram a proposta, aos que ora me recebem.

Devo explicar-me. De inicio, o amor da Geografia me veio pelos caminhos da poesia – da imensa emoção poética que sobe da nossa terra e das suas belezas: dos campos, das matas, dos rios, das montanhas; capões e chapadões, alturas e planuras, ipuêiras e capoeiras, caatingas e restingas, montes e horizontes; do grande corpo, eterno, do Brasil. Tinha que procurar a Geografia, pois. Porque, «para mais amar e servir o Brasil, mistér se faz melhor conhecê-lo»; já que, mesmo para o embevecimento do puro contemplativo, pouco a pouco se impõe a necessidade de uma disciplina científica.

Desarmado da luz reveladora dos conhecimentos geográficos, e provido tão só da sua capacidade receptiva para a beleza, o artista vê a natureza aprisionada no campo punctiforme do momento presente. Falta-lhe saber da grande vida, evolvente, do conjunto. Escapa-lhe a majestosa magia dos movimentos milenários: o alargamento progressivo dos vales, e a suavização dos relêvos; o rejuvenescimento dos rios, que se aprofundam; na quadra das cheias, o enganoso fluir dos falsos braços, que são abandonados meândros; a rapina voraz e fatal dos rios que capturam outros rios, de outras bacias; o minucioso registro dos ciclos de erosão, gravado nas escarpas; as estradas dos ventos, pelos vales, se esgueirando nas gargantas das serranias; os pseudópodos da caatinga, invadindo, pouco a pouco, os «campos gerais», onde se destrói o arenito e onde vão morrendo, silentes, os buritís; e tudo o mais, enfim, que representa, numa câmara lentíssima, o estremunhar da paisagem, pelos séculos.

Ainda agora, faz menos de uma semana, acabo de regressar de uma excursão de férias, extenuante mais proveitosa, realizada apenas para matar

saudades da minha região natal e para rever velhos poemas naturais da minha terra mineira. Quanta beleza! Ávido, fiz, num dia, seis léguas a cavalo, para ir contemplar o rio epônimo – o soberbo Paraopeba – amarelo, selvagem, possante. O «cerrado», sob as boas chuvas, tinha muitos ornatos: a enfolhada capa-rosa, que proíbe o capim de medrar-lhe em tórno; o pau bate-caixa, verde-aquarela, musical aos ventos; o pão santo, coberto de flores de leite e mel; as lobeiras, juntando grandes frutas verdes com flôres róxas; a bolsa-de-pastor, brancacenta, que explica muitos casos de «assombrações» noturnas; e os barbatimãos, estendendo fieiras de azinhavradas moedinhas. Os campos se ondulavam, extensos. Sôbre os tabuleiros, gaviões grasniam. A Lagoa Dourada, orgulho do Município, era um longíquo espêlho. A Lagoa Branca, já hirsuta de juncos, guarda ainda o segredo do seu barro, que, no dizer da gente da terra, produz, na pele humana, intensa e persistente comichão. Buritís, hieráticos, costeiam, por quilômetros, o Brejão do Funil, imenso, onde voam os cócos e se congregam, às dezenas as garças. E, enfim, do «Alto Grande», mirante sem prêço, a vista se alongava, longíssima, léguas, até o azulado das montanhas, por baixadas verdes, onde pedaços do rio se mostravam, brilhantes, aqui e ali, como segmentos de uma enorme cobra-do-mato. Dois dias depois, estava eu visitando, em Cordisburgo – meu torrão inesquecível – a maravilha das maravilhas, que é a Gruta do Maquiné. E, aqui, confesso, muita coisa se revelou a mim, pela primeira vez. Certo, eu já pensava conhecer, desde a infância, os feéricos encantos da Gruta e as suas deslumbrantes redondezas: môrros, bacias, lagoas, sumidouros, monstruosos paredões de calcáreo, com o raizame laocôntico das gameleiras priskas, e o róseo florir das cactáceas agarrantes. Mas, era que, desta vez, eu trazia comigo um instrumento precioso – bússola, guia, roteiro, óculo de ampliação: o trabalho que devemos à minuciosa operosidade, ao sentimento poético, à capacidade científica e ao talento artístico do meu saudoso amigo Afonso de Guaira Heberle: o reconhecimento topográfico «A Gruta de Maquiné e os seus Arredores». Deu-se a valorização da estesia paisagística, graças às lições da ciência e da erudição. Prestígio da Geografia!

Mas, meus senhores, estou começando mal, por um abuso, e devo sustar esta longa explicação. Do que disse, de modo tão imperfeito, podereis avaliar o que sinto, perfeitamente.

Rogo-vos apenas crer na sinceridade da minha emoção e no fervor dos meus propósitos, ao ser recebido, como sócio titular desta douta e abnegada

Sociedade, que, em labor silencioso e diuturno, há tantos anos vem servindo o Brasil.”

João Guimarães Rosa